

Apêndice XI – Transcrição do *focus-group* realizado com os professores

Moderador:

Bom dia a todos, agradeço desde já toda a atenção que prestaram ao convite repentino que eu acabei por fazer. Não estava planeado ser assim, muito rápido, nem ser nessa altura, mas a pandemia não tem vindo a ajudar a fazer as coisas e por vezes temos de decidir no momento. Eu desejava era estar com vocês na escola a debater no anfiteatro e seria muito mais interessante.

Há dois anos a esta parte, quase três, frequento e sou aluno de doutoramento na Universidade Católica, em Ciências da Educação e ando a investigar a temática “o smartphone desafia o ensinar e o aprender”.

Andei a trabalhar numa app que identifica e avalia apps educativas. A minha ideia é sempre fornecer aos alunos tudo aquilo que esteja à nossa disposição para que eles possam utilizar para aprender e se puderem aprender mais melhor e se for gratuito melhor ainda. Uma vez que nem sempre temos acessos a conteúdos ou recursos educativos digitais gratuitos e há muitas vezes necessidade de os pagar, os alunos têm que pagar, os professores têm que pagar, o ministério só entrega às editoras que nos têm oferecido algumas coisas gratuitas, mas lá fora temos muita coisa gratuita que alguém está a desenvolver, umas associadas a editoras que fornecem depois aplicações ou recursos educativos gratuitos disponíveis durante um determinado período de tempo e depois passam a ser a pagar e nós deixamos de os poder utilizar.

Eu continuo a defender que tudo aquilo que eu possa ter à minha volta é o melhor possível, e tudo aquilo que eu posso utilizar com os alunos para mim é o ideal. Se eu conseguir, com uma animação ou com um vídeo, transmitir quatro páginas de texto, para mim é muito melhor. Neste momento, com a evolução da tecnologia, tudo o que é simulações, realidade virtual e realidade aumentada, internet das coisas, etc etc, temos muita coisa ao nosso dispor que podem ajudar-nos em todas as aulas e enriquecer os nossos conteúdos e a nossa didática em sala de aula.

Depois desta breve apresentação sobre o meu projeto essencialmente relacionado com a utilização de tecnologia em sala de aulas e focada no smartphone, porque para mim o mais importante é poder chegar aos alunos com tecnologia. Onde é que eu tenho a

tecnologia em sala de aulas neste momento? Tenho no smartphone porque quase todos os alunos, para não dizer todos, têm pelo menos um embora possam ter características diferentes. Será que com isso consigo fazer algo diferente? É neste contexto que eu gostaria de debater as vossas opiniões e tentar saber o que é que vocês acham.

Preparei simplesmente algumas perguntinhas, e sugeria, para começar, uma breve apresentação dos participantes.

Eu sei que todos se conhecem, mas procurem identificar essencialmente os anos que estão a lecionar neste ano letivo, se é 7º/8º/9º/10º/11º/12º ou as disciplinas, porque às vezes varia se é biologia, ciências naturais, se a físico-química, se é física, se é inglês do básico ou inglês do secundário, se é matemática ou português.

Deixo ao vosso critério a sequência das vossas intervenções nesta discussão e sempre que eu lançar uma pergunta, vamos rodando, vamos falando e vamos discutir e tentar não nos dispersar muito sobre as temáticas, certo?

Dou então a palavra. E posso começar aqui por quem está no meu lado direito “do ecrã” e começo aqui pela Entrevistada 1 Castro, por exemplo, que é a primeira que me aparece aqui do lado direito e depois seguimos a ordem conforme vocês quiserem.

Entrevistado 1: Pronto, eu sou o Entrevistado 1, nesta escola há seis anos, este ano estou a lecionar o sétimo ano de escolaridade e leciono físico-química.

Mais alguma coisa que queres que diga ou chega?

Moderador:

Não, não, perfeito.

Alexandra.

Entrevistado 3:

O meu nome é Entrevistado 3, estou nesta escola há três anos e leciono ciências naturais ao oitavo e nono ano de escolaridade.

Moderador:

Entrevistado 2.

Entrevistado 2:

Eu chamo me Entrevistado 2, estou nesta escola pelo segundo ano, portanto, há dois anos e neste momento estou com duas turmas do oitavo ano a dar português.

Moderador:

Entrevistado 6.

Entrevistado 6:

Eu sou a Entrevistado 6, estou nesta escola, acho eu, há seis anos, este é o sexto ano, não sei, e este ano tenho nonos anos e o 12º ano, e leciono físico-química e química de 12º.

Moderador:

Entrevistado 4

Entrevistado 4:

Sou a Entrevistado 4, tenho um 11º de inglês, portanto, ensino secundário, nível 7, e estou nesta escola desde 1991.

Moderador:

Entrevistado 5.

Entrevistado 5:

Entrevistado 5, estou nesta escola há cerca de 30 anos. Leciono 11º ano nas disciplinas de matemática A e de matemática aplicada às ciências sociais.

Moderador:

Então agora eu, sou o Francisco, estou nesta escola desde 2001, estou no intermédio de vocês em termos de permanência na escola e leciono oficinas multimédia B, 12º.

Vamos então começar.

Qual é a importância do smartphone na sociedade?

Ou seja, smartphone, tecnologia, recursos, qual o seu papel para além da comunicação. O que é que vocês acham?

Entrevistado 2:

Para além da comunicação, Francisco?

Moderador:

Sim.

Entrevistado 5:

Busca de informação.

Moderador:

Um telemóvel, inicialmente foi feito para comunicar.

Entrevistado 5:

Informação, busca da informação.

Entrevistado 4:

Registo de momentos.

Porque neste momento também temos a hipótese de usar as câmaras para filmar e para fotografar.

Moderador:

Sim, sim.

Entrevistado 2:

Há uma questão também agora muito desenvolvida, que é o lazer, quer para adultos quer para jovens, é um momento e uma ferramenta para o lazer substituindo, muitas vezes, os jogos antigos de tabuleiro ou os jogos lá fora de saltar a corda. Hoje faz-se lazer em conjunto a partir do telemóvel, por exemplo.

Entrevistado 3:

E utilitário para resolver questões, as aplicações, os pagamentos, acesso ao banco, as vias verdes, o estacionar.

Entrevistado 6:

Exato. Era isso que eu ia dizer, na sociedade é mais isso.

Hoje em dia já quase toda a gente utiliza o telemóvel para fazer isso.

Entrevistado 2:

O meu filho, ainda no outro dia, me dizia como é que é possível, ele não consegue imaginar como é que nós vivíamos antes. Ele faz este esforço e não consegue idealizar, diz ele: “eu tenho uma sorte em viver nesta geração ou nesta época”, e realmente é verdade, houve um salto gigantesco. Hoje o smartphone transformou completamente a sociedade, como a Alexandra estava a dizer, até o pagamento do parcómetro nas cidades, a coisa que estávamos habituados à moedinha agora é tudo mais fácil, facilitou imenso, eu acho que nos deu muito mais tempo para os nossos momentos, para a parte mais humana porque veio substituir muita parte burocrática, por exemplo, eu faço compras online sempre e estou no sofá no meu telemóvel a fazer as compras da semana. Quer dizer, isto era impensável há uns tempos atrás ou há uns anos atrás, o pagar as contas do que seja, como a Entrevistado 3 estava a dizer, sim, é a questão utilitária, eu acho que é um peso muito forte na sociedade hoje, sim, o facilitismo, o utilitário, o substituir processos mais complexos.

Entrevistado 5:

Também substitui o GPS, também tem essa função.

Entrevistado 6:

É verdade.

Entrevistado 2:

É verdade.

Entrevistado 3:

Mas é uma barreira social também.

As pessoas já não olham umas para as outras.

Entrevistado 2:

Achas?

Entrevistado 6:

Não tenha a certeza.

Entrevistado 4:

Fazem a comunicação de outro modo, não sei. Às vezes, fica a dúvida se é apenas um outro modo de comunicar que para nós é estranho, e também me faz confusão.

Entrevistado 3:

A distração digital evita muitos olhares.

Entrevistado 6:

Exatamente.

Entrevistado 2:

Aliás, há famílias que até optam por, a partir de uma determinada hora, toda a gente põe os smartphones numa caixinha na entrada de casa e ninguém pode, a partir das 8 da noite ou das 9 da noite, pegar no seu smartphone, nessa perspetiva, que a Entrevistado 3 está a dizer, eventualmente.

Entrevistado 3:

Rouba sono à miudagem que não tem essa relação, nas faixas sociais menos esclarecidas, menos pró ativas na educação dos filhos é um flagelo e dá cabo, portanto, da saúde mental da criançada, porque aquilo é aditivo e eu acho que a questão utilitária, sem dúvida, que é inegável a vantagem, mas eu acho que é muito fraturante, numa sociedade em que ninguém vai dizer assim, “olhe o senhor é adulto, tem que dizer ao seu filho para não usar telemóvel a partir das x-horas”, e é muito fácil o telemóvel atrofiar as capacidades e a vivência social e familiar, é muito fácil, muito fácil.

Entrevistado 1:

Isso não tem nada a ver com o telemóvel.

Entrevistado 3:

Então?

Entrevistado 1:

Tem a ver com as pessoas só!

Se o telemóvel é utilitário, então são as vantagens todas. Depois tu estavas a referir as desvantagens. Embora o Francisco tenha perguntado a importância do telemóvel, vantagens e as desvantagens não é assim muito importante e isto é apenas um dispositivo que está ao nosso alcance para nós fazermos com ele, para nós melhorarmos a nossa qualidade de vida, é suposto melhorarmos a nossa qualidade de vida com isto.

De acordo com o que Entrevistado 2 disse é um bocado isso que aconteceu, ou que permite acontecer. Portanto, tem a ver com as pessoas, da maneira como as pessoas o utilizam. Tudo que seja máquina tem tudo a ver o interesse da máquina, importância da máquina, tem tudo a ver com a forma como as pessoas a utilizam.

De resto, o que vocês disseram, disseram tudo também que eu tinha pensado.

Eu não pensei nas desvantagens tendo em conta a pergunta.

Entrevistado 2:

Sim.

Deixa só acrescentar aqui uma questão só para terminar esta ideia da Alexandra: isto debate-se muito esta questão do aditivo do fazer, dos pais, de ser muito complicado os pais controlarem os filhos, etc. Mas cada vez mais se tem ouvido perspetivas em que, na verdade, o telemóvel é mais um dos elementos entre muitos das questões da educação, da parentalidade, quer dizer, um pai ou uma mãe que não consegue fazer com que o filho, por exemplo, se deite às 10 da noite, também vai ter dificuldade em colocar, por exemplo, os limites do uso do telemóvel e aqui a questão do telemóvel é mais um dos muitos problemas da questão da parentalidade hoje em dia, não é? Das dificuldades dos pais.

Entrevistado 1:

Antes dos telemóveis eram as nintendo e as consolas.

Entrevistado 4:

Era isso que eu estava a pensar.

Entrevistado 2:

Ou ir para fora brincar com os vizinhos, que os pais não queriam, os entraves todos na verdade, só que agora são outros entraves ou são outros obstáculos àquilo que os pais visualizam como perspectiva e que não é fácil impor, digamos, aquilo que consideram como correto.

Moderador:

Sim, sim.

E já agora, em contexto de sala de aula?

Portanto, falámos no smartphone em contexto sociedade e para que servia. Mas vamos agora tentar analisar o papel do smartphone em contexto de sala de aula. Quais são os benefícios da utilização, por exemplo, do smartphone em sala de aula?

Entrevistado 1:

Todos.

Moderador:

E gostaria também que se focassem que, quando falamos em sala de aula, pensamos sempre no aluno em termos de ensino dentro e fora da sala de aula, se puder ser, para podermos relacionar se fizemos uma atividade, por exemplo, numa sala de aula, se a mesma também pode ser realizada por ele fora da sala de aula e se terá o mesmo efeito. Se conseguirmos que ela tenha alguma utilidade em termos de aprendizagem.

Não sei se me fiz entender, sim?

Entrevistado 4:

Sim.

Eu não sei dizer, suponho que entendi, e quando começaste a falar, quando estás a falar agora sobre esta questão, eu lembrei-me logo que há algo que, se calhar, à partida, seria menos frequentemente referido, mas que é a “anonimidade” que pode haver se eu usar algumas aplicações.

Nós, há 2 anos, recebemos, no âmbito de um erasmus, um grupo de alunos das diferentes escolas e tratávamos o tema da orientação sexual, era um dos nossos temas, a orientação sexual, a aceitação ou os estereótipos acima de tudo.

E penso que foi, nós usamos aplicações que nos permitiram que os alunos dessem a sua opinião, exprimissem as suas ideias com bastante à vontade, com desinibição, no sentido de poderem explicar o que se passava com eles, quer neste âmbito quer em relação a questões de violência doméstica. Tratamos esses aspetos sem que tivessem que dizer é em minha casa, é o meu pai, é a minha mãe, sou eu, isso, todas nós, quer nós professoras portuguesas quer os colegas estrangeiros, considerámos que foi de uma vantagem enorme para todos e também nos pareceu que a forma como isto tratou um assunto dentro da aula, mas que levou muito mais do que aquilo que lá se colheu, pensámos e esperámos que tenha mudado atitudes, pensamentos, opiniões que tenha desfeito alguns estereótipos.

Não sei se entendi mal e avancei demais, não sei. Mas, para além de pensar em tudo como uma de vocês disse, realmente tem todas as vantagens, também me lembrei logo desta.

Entrevistado 1:

Sim, é, mas falaste de uma situação até delicada, mas mesmo em situação de sala de aula, quando nós queremos fazer avaliação, por exemplo, de uma atividade que nós propusemos ou até mesmo da avaliação do professor, para não haver aquela tendência de dar tudo 5, essa anonimidade é muito boa, temos o *Mentimeter* que nos permite fazer isso. E fazer experiências dessas com o *Mentimeter*, são muito engraçadas porque eles aí dizem o que lhes vai na alma e, às vezes, caem lá coisas que nós não estaríamos à espera que caíssem se os alunos estivessem identificados e isso é muito importante para nós e também para a nossa própria reflexão e vai de encontro àquilo que estás a dizer, embora o que estejas a dizer são situações bem mais complicadas do foro psicológico.

Entrevistado 4:

Sim, isso também o faço e concordo realmente com a tua opinião acerca das aulas como tu dizias, é extremamente importante que eles digam o que é que realmente sentem, do que é que gostam verdadeiramente e do que é que não gostam ...

Entrevistado 1:

E propostas e sugestões de melhoria.

Entrevistado 4:

Exatamente.

Entrevistado 1:

Mas, às vezes, aparecem aqueles alunos que não fazem, só fazem brincadeira e é engraçado porque nós depois vemos se isso também condiz com o que nós já conhecemos do aluno e tal. Pronto, essa anonimidade é importante.

Entrevistado 3:

E é um voto de confiança que o próprio professor está a dar ao dar-lhes uma ferramenta que lhes permite o anonimato. Eu, ontem, quando coloquei aquele padlet no chat da reunião, eu pensei assim “bem, como é que eu vou fazer se me aparecer aqui um disparate e de facto eu posso aceitar”...

Entrevistado 1:

Podias apagar.

Entrevistado 3:

...podia apagar exatamente, poderia fazer isso, mas no caso do *Mentimeter*, não é assim, e, portanto, é um voto de confiança que o professor também está a dar aos alunos para poder verter ali o que quiserem, e mesmo que apareça asneira aparece para todos.

Entrevistado 1:

Isto, partindo do princípio, como eu disse há pouco, logo no início, tinha todos os benefícios, ou seja, vamos supor que temos a situação ideal, uma sala com 28 alunos ou 30 todos com um smartphone. Vamos supor também que a Internet da escola também funciona muito bem e que aquilo já está tudo parametrizado e, portanto, tudo a funcionar bem. Os alunos o que é que têm em mãos? Têm uma máquina muito potente que pode ser utilizada a favor da aprendizagem e também a favor da própria escola, que não tem neste momento capacidade para ter uma máquina, para ceder uma máquina a todos os alunos, a todas as turmas. Portanto, estamos a aproveitar um bocado o investimento que os pais fazem nesse aparelho, nessa máquina, e que permitem que os alunos levem para a escola e que a escola aceita que os alunos levem para a sala de aula. Estamos a aproveitar como uma ferramenta para o ensinar e o aprender, portanto, é altamente, do meu ponto de vista, benéfico para todos, para a escola, para os alunos e para nós.

Depois temos o professor como regulador para ver se as coisas correm bem e, à partida, correm se o professor, de facto, for um bom regulador, se estiver atento, se souber como é, o que quer usar, etc, etc. Nós sabemos que não é a 100% que isso acontece, mas havemos de lá chegar quando os professores todos perceberem melhor isso.

Este ano, por exemplo, nota-se que há alguns problemas. Às vezes vejo alunos crescidos que vêm cá fora nos intervalos, naquelas minhas horas em que eu não tenho aulas, eles vêm com o alibi de irem à casa de banho e estão agarrados ao telemóvel e eu acho, ... fico escandalizada, entre aspas, é uma palavra forte, mas fico admirada como é que os alunos saíram da sala de aula com o telemóvel, porque não é suposto isso acontecer tendo em conta a maneira como a escola trabalhava até este ano de pandemia.

Pronto, era esse o meu testemunho.

Entrevistado 2:

Eu posso partilhar também aqui algumas ideias que fui tendo e, na prática, como professora. Eu quando chego a uma escola a primeira, ou uma das primeiras perguntas que eu faço é “eu posso usar o telemóvel na sala de aula?” e fico um bocadinho angustiada quando...

Entrevistado 1:

Entrevistado 2 desculpa, desculpa interromper. Não devias fazer essa pergunta.

Entrevistado 2:

Não?

Entrevistado 1:

Fazes, porquê? Não devias, até porque existe uma lei que é para todas as escolas, que há anos que está plasmada no Estatuto do Aluno, que diz que se pode usar o telemóvel nas escolas e na sala de aula.

Entrevistado 2:

A lei, eu pensei que estavas a dizer para não perguntar.

Entrevistado 1:

Nenhuma escola em Portugal tem autonomia para se sobrepor a essa lei que existe no Estatuto do Aluno, vai lá ler...

Entrevistado 2:

Olha, não sabia.

Entrevistado 1:

O telemóvel pode ser usado na escola desde que seja para fins pedagógicos e quem decide isso é o professor. Quem sabe pedagogia dentro da sua sala de aula é o professor. Eu quando cheguei a esta escola, já agora, um à parte, também diziam que não se podia usar o telemóvel, a Entrevistado 6 está-se a rir, porque uma vez até foi proibida de usar numa reunião, foi proibido e ela disse assim: “mas eu vou usar na mesma”, porque estava protegida pela lei e, de facto, depois no ano seguinte, acho que havia ali um esquecimento daquele pormenor da lei.

Desculpa, Entrevistado 2, ter interrompido, mas escusas de perguntar porque a lei protege-te.

Entrevistado 2:

Não, não tem mal e ainda bem, ainda ...

Entrevistado 3:

Eu já fui chamada a atenção de usar o computador numa formação.

Entrevistado 2:

Ainda bem que falaste na questão da lei, mas a verdade, nós sabemos que há orientações e que há projetos de escola específicos e, quando eu entro numa escola, tento perceber qual é a filosofia, qual é o projeto, quais são os objetivos da escola para tentar, ao máximo, enquadrar-me nele.

Entrevistado 1:

Sim, eu percebi o que tu querias dizer, só que não podemos ser subalternos a esse nível.

Entrevistado 2:

Claro, claro, exato, obrigada.

Isto para dizer que, como professora no século XXI, sinto muita dificuldade em trabalhar com os alunos sem o acesso ao smartphone. Aliás, por exemplo, no ano passado, nós púnhamos os smartphones nas caixinhas na sala de aula e, aliás, eles, comigo, já a maior parte, perguntavam logo “ficamos com ele, já?” e mais vale, quer dizer, porque é um vocabulário, é o dicionário online, quer dizer, ninguém vai de dicionários ou de enciclopédias e as salas de aula em Portugal não são apetrechadas de áreas de pesquisa. Não há e não temos essa capacidade e poucos países têm, mesmo países muito desenvolvidos têm, têm mais no ensino básico e à medida que os alunos vão crescendo, mesmo em países desenvolvidos, as salas de aula passam a ser o manual, que acaba por ser o dominador comum e o forte no centro pedagógico, o professor e o conjunto de alunos e o mundo no século XXI têm todo um acesso a um mundo que fica completamente limitado por um conjunto de cadeiras, carteiras e 4 paredes, não é?

Entrevistado 1:

Não, e um PowerPoint e um Youtube, pelo menos isso.

Entrevistado 2:

Sim, exato, tens razão, é verdade, mas repara, sempre numa perspetiva que foi o professor que levou.

Entrevistado 1:

Sim.

Entrevistado 2:

É o professor que leva, é o professor que controla, é o professor que pensa antes o que vai dar aos alunos. Eles são os recetores, um aluno com smartphone, numa aula de português, por exemplo: nós estamos na dúvida de uma questão gramatical ou estamos numa dúvida de um vocabulário, eles já estão a ir ver para participar “professora, já percebi”, “olha, este autor afinal nasceu não sei quê, no ano tal...”, “mas afinal este livro foi escrito ...”. O smartphone na minha perspetiva, é uma ferramenta fundamental.

Mas não só nesta questão de como se fosse uma área, estão a ver na sala de aula existiria teoricamente 3 ou 4 computadores e depois tínhamos uma estante com enciclopédias, dicionários, isto seria a ferramenta oficina, o espaço de aula, na minha perspetiva, deverá ser sempre uma oficina, mas o smartphone consegue, de alguma forma, criar essa oficina no espaço individual de cada aluno, portanto, cada aluno, no seu lugar, na sua mesa, consegue ter acesso a toda essa oficina, digamos, imaginária e ideal de uma sala de aula. É claro que tudo isto tem que ser regulado e tem que ser orientado, e quando os alunos, na minha perspetiva, são educados a estar num ambiente em que já percebem que o

telemóvel não é o perigo e não é “aquilo que eles não podem usar”, aliás, porque o fruto proibido é o mais apetecido, se o telemóvel está ali normalmente, eu não sinto aquela questão “ai, ele está a distrair-se”, aliás, quando um aluno, por exemplo, e acontece, eles estão em português estão sempre com o telemóvel em cima da mesa (passo já a explicar porquê e quais são as outras vantagens) mas quando alguém se distrai eu apercebo-me, eu ando no meio deles, este ano nem tanto, mas ando muito no meio deles, e apercebo-me quando eles estão distraídos, quando estão a responder a uma mensagem a alguém ou porque não estão a fazer, mas eu monitorizo e vejo, “olha, já acabaste? está bem? Já descansaste um bocadinho?”, “Sim, sim, professora, já está, eu já posso continuar a trabalhar”. Nós, adultos, estamos a trabalhar durante 20 minutos e paramos ligeiramente para fazer algo, para ver uma mensagem, para ir ver um e-mail, logo que não haja distração demasiada, obviamente. Eu, como professora, não sinto, mas também pode ser das experiências que tenho tido dos alunos, não sinto que seja um problema que impeça a concentração na sala de aula, não é a minha perspetiva, embora a conheça de ouvir outros professores, mas não é a minha perspetiva.

Uma outra vantagem absolutamente incrível para além da questão do mundo, de uma área de biblioteca como se fosse um acesso à biblioteca geral, para além disso, eu acho que tem uma vantagem muito grande que tem a ver com o respeito do aluno, o respeito do caminho individual que cada aluno tem. Eu passo a explicar: por exemplo, eu trabalho muito em oficina e, portanto, eles têm 4 atividades para fazer naquele tempo. O aluno começa por uma atividade, o outro começa pela outra e como nós trabalhamos com ferramentas digitais, eles têm acesso aos documentos, às autocorreções, portanto, a ideia é fazerem o trabalho por eles. E essa ferramenta, eu não tenho que fotocopiar, não tenho que estar a dar, agora é a ficha 3 ou é a ficha 4, eles rapidamente acedem aos materiais, acedem à parte teórica que suporta a parte prática e cada um está a fazer o seu caminho, ou seja, não temos que estar todos a olhar para a um PowerPoint em que, neste momento, eu até sou aluno e estou um bocadinho cansado, dava-me jeito era ouvir daqui a cinco minutos, mas eles têm acesso ao PowerPoint e às explicações individualizadas porque estão a fazer um trabalho individual e têm que percorrer o seu próprio caminho. Portanto, o respeito, eu acho que a tecnologia, o smartphone, ajuda imenso a uma filosofia em que eu acredito profundamente, que é a do respeito pelo caminho individual da aprendizagem num todo, um processo, um respeito muito grande pela individualidade, pela Joana, pelo Pedro, pela Maria, e não pelo aluno de uma forma geral.

Pronto, depois há outras questões, mas entretanto, para não monopolizar, vou terminar.

Moderador:

Quais são os desafios?

Ou melhor, como caracterizar os desafios que o smartphone provoca ao professor?

Entrevistado 6:

Ao professor?

Entrevistado 3:

Podes repetir?

Moderador:

Ao professor, portanto, nós temos os alunos, nós temos uma sala de aula repleta de smartphones, será que isso provoca algum desafio ao professor, ou não?

Entrevistado 1:

Essa pergunta liga-se, na minha perspetiva.

Diz Alexandra...

Entrevistado 3:

Eu ia pedir para repetir a pergunta, é que eu fui abaixo e voltei.

Moderador:

Como caracteriza os desafios que o smartphone lhe proporciona, ou seja, que proporciona ao professor?

Entrevistado 1:

Mas eu acho que essa pergunta vem na sequência, mas é o que a Entrevistado 2 estava a dizer e que permite responder a essa pergunta, porque ela está ao lado dos desafios, já que eu, por exemplo, não tenho a perspetiva que ela tem exatamente, apesar de usar muito o telemóvel na sala de aula, eu não sou apologista de que os alunos carreguem o telemóvel durante a aula.

Mas eu começo com os sétimos anos, que entram numa escola que é completamente diferente das escolas de onde eles vêm, e à qual demoram algum tempo a adaptar-se, porque tem regras, e eles percebem que a nossa escola tem bastantes regras e é muito organizada e eles vêm de escolas que são bastante menos organizadas.

E as crianças do sétimo ano entram na nossa escola com 11 anos e os que eu tive até ao final do primeiro período quase todos tinham 11 anos, foram fazendo 12, portanto, são crianças mesmo.

Eu, às vezes, digo-lhes: “você vão ser crescidos, deixam de ser crianças, são jovens”, e eles: “Não, nós somos crianças até aos 18”. Portanto, o que quero dizer com isto é que, sim, é preciso dar tempo para que eles se habituem a uma realidade que é muito diferente.

Eu sei que eles se adaptam depressa, mas às vezes nós pensamos que eles se adaptam mais depressa do que, de facto, acontece e os ritmos de adaptação também não são iguais, não ocorrem todos à mesma velocidade.

Eles têm tendência a ter o telemóvel nas carteiras e eu peço para o pôr nas mochilas e depois eu digo assim “Agora vamos tirar o telemóvel” e eles dizem assim, “O quê? A professora não se enganou? É a primeira vez que eu estou a ver isso na vida”, “Costuma ser é ao contrário, não nos costumam é deixar usar”. Os meus miúdos deste ano na ESAG, das minhas 3 turmas, dizem isto.

Entrevistado 4:

Sim, eu também, no décimo, costumo ouvir isso de alunos que não são nossos, claro.

Entrevistado 1:

Eu lembro-me de um miúdo que estava assim à frente, olhou para a turma toda e disse “ela está a falar alguma...eu ouvi bem, não é normal, é costume ser o contrário”, portanto, mesmo quando sigo uma turma minha, mais tempo, quando sigo até oitavo, até ao nono, aí já é um bocadinho diferente. Mas continuo a preferir a cena das caixinhas, porque também já tive alunos muito inteligentes, com muita capacidade cognitiva que, quando estávamos a fazer exercícios no quadro ou estávamos a apresentar uma coisa qualquer ou estávamos a tirar dúvidas, o aluno estava sentado ao fundo da sala e como não tinha o telemóvel estava a ler uma obra de português, em formato papel.

Eu achei aquilo um desrespeito, um desrespeito para com a disciplina, para com a professora, para com todos os colegas e, sobretudo, para aqueles a quem se estavam a tirar dúvidas, porque ele estava de livro aberto lá ao fundo a ler um livro de português.

Este ano já me aconteceu a mesma coisa com um aluno do sétimo.

Ora bem, claro que chamei à atenção por causa da situação ser desrespeitosa, mas até não deixa de ser interessante. O aluno não está interessado, não tem o telemóvel, pega num livro. Por um lado, é bom, não quer saber nada de físico-química, mas está a desenvolver a capacidade de leitura. Há assim este tipo de situações, mas eu, apesar de usar muito os telemóveis ...

Entrevistado 3:

Eu diria que há outras situações que podem explicar isso.

Entrevistado 1:

Sim, pois, podes acrescentar.

Entrevistado 3:

Não estou a pensar nos miúdos com capacidades especiais, pronto, acima da média, e que por vezes, não desmerecendo as tuas aulas de físico-química, nem as dos outros que possam frequentar e fazer esse tipo de *bypass* à aula, mas, às vezes, há miúdos que...

Entrevistado 1:

Sim, sim, o aluno que fez isso já estava muito à frente, eu se o tivesse deixado ir lá fora, dar uma volta, ele já tinha feito os exercícios todos, até os mais difíceis, tudo porque ele era assim, mas eu já não tinha mais nada para lhe dar. O deste ano, de sétimo ano, estava nitidamente aborrecido.

Entrevistado 3:

Isto era problema teu, não era dele.

Entrevistado 1:

Isso é aborrecido, mas ele fez isso várias vezes e eu tirei o livro, mas ele tinha uma postura na cadeira lá ao fundo... ele encostava-se, parecia que estava no sofá, pronto, mas isto é a nossa vida de todos os dias. Nós encontramos turmas muito diversificadas. Mas se ele tivesse o telemóvel, não estava ali, não teria pegado num livro de português, teria pegado no telemóvel e estaria ali a viajar sei lá por onde, pronto. Porque é que eu digo isto, porque eu apanho-os muitas vezes no *instagram*. Quando faço aquele percurso de que a Entrevistado 2 estava a falar, quando nós estamos a fazer um trabalho, eles estão muitas vezes no *whatsapp* e no *instagram*, e no *instagram* estão a postar fotos e tudo que tiraram na escola. Portanto, nós vemos isso. Eu não digo nada sobre isso. Eu passo e vejo e, às vezes, pego nos telemóveis para resolver problemas técnicos e lá estão as mensagens de todos a cair, portanto...

Entrevistado 5:

Os alunos, segundo o que a Entrevistado 1 disse, que recebeu alunos de sétimo ano, eles precisam de facto de ter um acompanhamento ao longo da escolaridade para o uso adequado dos telemóveis em contexto de sala de aula, tirando partido só da parte pedagógica para aprenderem, porque eu notei, em especial numa turma minha de décimo ano, nas outras duas nem tanto, mas numa, que a facilidade, a oportunidade que se lhes deu este ano de terem os telemóveis na sua posse os descontrolou um pouquinho, que são alunos do 11º ano, estão muito ligados às redes sociais, recebem muitas notificações e com muita frequência, e eu dei conta que eles se distraíam com os smartphones...

Entrevistado 1:

Claro, até os adultos, até nós, quando estamos numa reunião geral de professores. Quem está lá atrás e vê...

Entrevistado 5:

Sim, é uma preocupação educar os jovens para usarem, de facto, como deve ser os telemóveis.

Entrevistado 1:

Entrevistado 5, eu, no sétimo ano, gasto muito tempo e no oitavo também. Gosto de começar com sétimos, também por causa disso, gasto imenso tempo a ensinar-lhes primeiro a parte técnica para aplicar, e em todas essas questões, porque não é fácil!

Entrevistado 5:

Isso e, principalmente alunos que estão um pouquinho desmotivados para o aprendizagem é uma luta pegada, não é? No início, era a desculpa, porque ainda não tinham o manual, portanto, tinham muito a necessidade de ir ao telemóvel para acederem à editora. E por aí fora e depois porque não tinham trazido a calculadora e que iam ao telemóvel para usar a calculadora.

E acabavam por pedir e eu rendia-me me sempre aos pedidos deles, mas sabia que eles queriam ir além daquilo que me estavam a pedir, fazer mais do que aquilo que estavam a pedir.

Entrevistado 2:

Olha, eu gostava de acrescentar uma questão....

Entrevistado 5:

Nesta turma eu até proporcionei muitas atividades com telemóvel, muitos desafios até interessantes, coisas para eles diferentes de tudo isto mas eles abusavam das idas à casa de banho, claro, com o telemóvel, até que o Diretor, entretanto, decidiu que eles teriam que deixar o telemóvel na sala, mas tínhamos de ser nós a lembrar-nos disso.

Pronto, eles estão a ter dificuldade em lidar também com o smartphone, com tudo, com todos os desafios, todas as oportunidades.

Entrevistado 2:

Eu gostava de acrescentar toda essa questão da distração.

Entrevistado 6:

Entrevistado 2, diz lá.

Entrevistado 2:

Eu tinha aqui depois um assunto por causa do desafio, depois falo, entretanto, mas só para ver aquela questão da distração.

Entrevistado 1:

Tu vieste ao *focus group* toda preparada!

Entrevistado 2:

Não, o Francisco perguntou quais são os desafios do smartphone.

Entrevistado 1:

Está a defender a tese?

Estou a brincar.

Entrevistado 2:

O Francisco perguntou quais são os desafios do smarphone e nós estamos a desviar-nos um bocadinho... Mas estava eu a dizer, antes de voltarmos a essa parte, que gostava de falar da questão da distração, só isto que me fez pensar, quando se diz que eles estão distraídos no telemóvel.

Entrevistado 1:

As dificuldades e o que foi referido, não, acho que se enquadra nos desafios. Acho que se enquadra no tema da pergunta.

Entrevistado 2:

Sim, mas se calhar, eu é que comecei a imaginar outras coisas, mas deixa-me ver essa questão da distração...

Os alunos, na minha perspetiva, isto, obviamente, é sempre a nossa perspetiva, distraem-se nem que seja com o fio de cabelo que se enrolou num botão do casaco. Entrevistado 2, não compares a distração de mensagens a cair com o lápis que ficou não sei quê. Ok? São mundos diferentes e essa é uma outra perspetiva. Eu encaro que, quanto ao telemóvel, nós estamos a passar por uma transformação grande, daqui a uns anos, isto já é perfeitamente banal, faz parte levar o telemóvel e o seu uso, mas isto, se calhar, eu tenho uma perspetiva um bocadinho, talvez, futurista.

Entrevistado 1:

Daqui a uns anos, isto já está obsoleto.

Entrevistado 2:

Não, sim, mas estou a falar do acesso, da distração, relativamente à nossa, à minha geração, eu tenho 45, vou fazer 46 ...

Entrevistado 1:

És uma imigrante, uma imigrante digital.

Entrevistado 2:

Exato, nós passávamos o tempo todo e distraíamos-nos muito com os filmes e com as séries e com tantas outras coisas e agora é com outro tipo de questões que nos distraem, muitas vezes, daquilo que são os nossos deveres. Mas a questão é o aluno na sala de aula

não se distraíndo, mas para eles é muito fácil distraírem-se independentemente de terem o telemóvel na mão ou não.

E deixa, só para acabar esta ideia: eles estão a olhar para nós, mas a cabeça não está ali, mesmo estando a olhar fixamente para nós, eles não estão ali, não estão, uma grande percentagem, há estudos que apontam isso. Se nós fizermos essa experiência, até era interessante, nós não temos é tempo muitas vezes para a fazer: numa sala de aula, fazemos 20 minutos de uma exposição teórica, ok? E a seguir fazemos um questionário de imediato, não é estudar de imediato, é assustador, sem lhes dizer que vai haver a seguir uma pergunta, é assustador. Eles pensam na mãe, pensam no primo, pensam no namorado, pensam nas sapatilhas que podem ter novas

Então, é impossível controlarmos a atenção deles. Na minha perspetiva, nós temos é que dar a volta, que é entusiasamá-los de alguma forma, é isso que eu acho que é fundamental, e arranjar forma de eles quererem fazer as coisas. E o telemóvel estar lá, na minha perspetiva, não é, ok? Nas minhas aulas, eles têm sempre o telemóvel na sala de aula e o telemóvel é uma forma de aceder, de trabalhar, e se eles acederem a alguma coisa, eles sabem que, por exemplo, em 45 minutos têm duas tarefas para fazer, depois eu vou ver a tarefa e eu falo sempre muito positivamente, portanto, eles até ficam mal de não fazer a tarefa, “isto, professora, não consegui fazer agora”, e eu “vá lá, tenta fazer agora e de tarde envias-me, depois, digo-te qualquer coisa, como é que está, etc..”, O telemóvel ali, se for a cada passo, em determinadas momentos distrativos, não é complicado, porque eles não têm que estar 90 minutos concentrados a fazer a tarefa ou a ouvir o que estou a dizer e, portanto, se no intervalo ele se distrair fazendo alguma coisa e voltar ao seu trabalho e cumprir aquilo que foi decidido no início do tempo, por mim, tudo bem, estamos bem, estamos tranquilos, eles estão bem, estão felizes, estão tranquilos, eu também, estamos todos a aprender e. portanto, eu vejo a perspetiva do smartphone como algo pedagógico, não vejo como algo que os distraia, que não o podem ter à beira, pelo contrário, eu prefiro que eles o tenham em cima da mesa. É mais fácil, se eu vejo, se está em cima da mesa nós vemos se eles estão a mexer, se estiver por baixo do casaco ou na mochila, aquilo acaba por ser surrealista, são telenovelas surrealistas, é eles debaixo, com aqueles sinais, aqueles movimentos que nós sabemos que estão a mexer, mas depois dizem que não, não, era um relógio, não sei quê e, por isso, eu prefiro em cima da mesa como o material, pois na minha perspetiva, o smartphone é um material fundamental dentro da sala de aula. Nós temos um manual, mas muitas vezes o manual até tem coisas

erradas ou incompletas ou tem textos, mas não tem os textos dos autores todos e o smartphone é o mundo inteiro em cima da mesa de cada um.

Entrevistado 6:

E só queria acrescentar que eu acho que o que nos falta a nós, professores, de uma maneira geral, é encarar o smartphone como mais uma coisa que o garoto tem em cima da mesa é pura e simplesmente que a gente pode usar como livro. “Olha, agora abrem o livro na página 17”, “agora vão ao telemóvel e vejam e pesquisem e não sei o quê”, ou “vão fazer o quiz não sei das quantas” ou “qualquer coisa”, o telemóvel está ali para ser usado, tal como um livro, tal como a caneta, tal como o lápis, e isto, não é fácil para nós, com esta tenra idade, porque não nascemos com o telemóvel na mão e é esta a dificuldade maior que eu encontro, que me foi difícil adaptar para mim, foi o meu maior desafio, foi encarar o telemóvel como uma caneta. O lápis tem uma funcionalidade mas o telemóvel tem muitas mais funcionalidades que a caneta, mas é um instrumento que está ali.

E efetivamente como quando nós temos um bebé e somos pais e mães, temos bebés, os bebés apercebem-se se estamos nervosos, se não estamos nervosos, se estamos chateados, se não estamos chateados, ok? Eles apercebem-se disso e automaticamente choram mais, choram menos, pronto, essas coisas todas. No caso dos alunos, eles também se apercebem se o professor se sente à vontade com o telemóvel ou não e se ele não se sente à vontade com o telemóvel, pegam no telemóvel e estão a mandar mensagens camufladamente. Ora, efetivamente, se nós estivermos à vontade com isso, basta dizer, “Oh, pá, diz aí ao João que estás na aula de físico-química e que não vais poder mandar mais mensagens até o final da aula.

Eles ficam assim a olhar para nós...

Entrevistado 1:

Ó Entrevistado 6, desculpa interromper, mas tu antes disseste que se o aluno se sentisse à vontade, já não fazia isso. A mim já me aconteceu pegar nos telemóveis deles e responder para o outro lado e eles todos a rirem-se, mas faz isso, basta isso.

Entrevistado 6:

Ele faz no início do ano para nos testar sempre e depois também faz outras cenas para nos testar de uma maneira geral, é “não entra no meu telemóvel”, e, “não entra a imagem”, “não entra a aplicação”, não entra nada, e se entro no telemóvel dele quando vou ver o telemóvel deles é só 10 vezes mais caro que o meu, quer dizer, se no meu entra, no deles também entra, não é? E eu acho que a dificuldade maior é essa, e para mim o que me custou mais foi encarar o telemóvel como mais uma coisa que eles tinham ali e, para eles

próprios, isso também é uma dificuldade, saber que têm ali o telemóvel e que aquilo pronto é mais uma ferramenta e que têm de encará-lo dessa forma.

Entrevistado 2:

Um desafio que tenho, só para terminar a questão do desafio. Um dos desafios que eu sinto para mim, professor, é a quantidade e a não certeza de qualidade, por um lado, da informação e, por outro lado, das aplicações, das 1001 apps que existem para 1001 coisas e eu sinto-o como uma gotinha de água no oceano e isso dá-me, não é insegurança, é frustração. Se calhar existe uma aplicação fabulosa para fazer isto e eu não a conheço ou ouvi falar desta, mas eu não sei muito bem se será interessante ou não... Os alunos falaram de uma aplicação, eu vou para casa pesquisar para ver como é que é, para poder ver o que é que eles podem fazer. Por exemplo, esquemas mentais, eles fazem agora com aplicações e há alguns que ainda gostam de fazer em papel, mas muitos não, e eu já dou sempre a escolha de fazerem esquemas a partir da app ou do papel.

E, por exemplo, é um desafio quando eles me dizem também, “a professora já viu aquela nova aplicação, app, para fazer isto” e eu, então, vou para casa para ver como é que é, como é que vou poder estar por dentro e isso, noto, é um desafio no sentido divergente e, ao mesmo tempo, cria-me frustração porque há muitas, está constantemente a evoluir e aí tenho a sensação de, às vezes, me criar alguma angústia, é, usando a inglesa, *overwhelming*. Não é?

Sim, avassalador, parece que estamos a ser levados e, cuidado, onde é que eu estou? Para onde é que eu vou? É isso, para mim, é um desafio enquanto professora ao utilizar o smartphone com eles na sala de aula.

Entrevistado 1:

Se fosses professora de ciências era mais *soft* porque nós estamos habituados a que a ciência que nós aprendemos ontem já não é a mesma de hoje e, portanto, nós estamos sempre, sempre, com isso, com esta sensação. Quer dizer, não temos essa sensação de *overwhelming* porque já é natural em ciências, é sempre assim porque quem dá línguas, aquilo é só ler letras sempre da mesma maneira, só muda a gramática...

Entrevistado 4:

Não, mas a língua muda.

Entrevistado 1:

Quando aparece uma TLEBS, fica toda a gente em parafuso; pronto, isto foi agora aqui um momento para rir, na matemática também não muda muito, mas, de vez em quando, aparecem uns prémios nobéis, criam umas coisas novas...

As ciências físico-químicas, as ciências naturais ...

Moderador:

Em informática o que é hoje atual amanhã é completamente obsoleto, esse é um dos grandes desafios.

Entrevistado 4:

Há muita coisa nas línguas que muda.

Entrevistado 1:

Mas é pouca...

Entrevistado 4:

Não é não, há muita coisa que hoje em dia no inglês não se faz, não pode ser usado em termos de regras e vocabulário, etc, etc., que não era assim há algum tempo atrás.

Entrevistado 1:

Tu não me assustes! Tenho que ir estudar inglês outra vez?

Entrevistado 4:

Mas a sério, as línguas também mudam, mudam muito.

Entrevistado 1:

E o professor de história? O programa é sempre o mesmo, depois mandam pôr umas fotos, a história não se mudou, a história não se muda. Depois os acontecimentos recentes, os professores já os viveram e sabem contar e Geografia, o planeta e as placas[tectónicas] estão todas no mesmo sítio, só mesmo as alterações climáticas que também se dão nas ciências.

Entrevistado 4:

Entrevistado 1, eu acho que não sabes, porque eu acho que é preciso constantemente trazer o que se passa lá fora para dentro da aula, e isso passa-se em todas as aulas, quer dizer, eu acho se passa.

Entrevistado 1:

Em todas.

Entrevistado 4:

Eu não preciso de ir falar da senhora que está atrás de mim, quer dizer, é muito mais lógico que eu vá buscar agora o recém-eleito Joe Biden e os problemas de Myanmar para falar dos direitos humanos, para que é que eu vou falar no início? Eu posso dar um pequeno exemplo, mas eu prefiro ir buscar por exemplo, aquilo que se passou agora, o que se está a passar neste momento em Myanmar.

E isto acontece nas outras, suponho?

Eu lembro-me que tive uma professora no 10º décimo ano, que foi a primeira e única negativa que tive na vida, no teste tive nove valores. Porque eu estudei aquilo tudo, eu sabia a matéria, mas eu não tinha memorizado e cheguei ao teste e pus aquilo assim à minha maneira, pelos vistos, era uma maneira errada, porque eu não sabia exatamente o vocabulário específico e por isso é que tive 9. Percebi, eu tinha que memorizar como estava e chegar lá e escrever. Percebi e passei a ter uma nota muito boa, muito boa, pronto. No 11º ano, tive um professor que nunca me vai sair da memória e é muito interessante, porque também com os meus filhos aconteceu uma coisa muito semelhante, eles tiveram um professor de filosofia que não o meu, mas os dois tiveram o mesmo professor num ano e no 11º um professor como o meu no 11º, que tudo aquilo que se passa ele traz para dentro e mostra como se adapta àquilo que já existe e é assim, é um prazer, é um perceber que é completamente diferente e eu acho que nas nossas disciplinas, uma história, uma geografia, uma língua, nós temos que ir buscar tudo isso.

Entrevistado 1:

Nas ciências nós também vamos buscar.

Entrevistado 4:

Também, claro que sim.

Isso foi só uma reflexão minha.

Entrevistado 3:

Mas a parte digital, sem dúvida que nos atropela quase sempre com a sua atualização constante eu acho que a angústia da Entrevistado 2 é uma angústia que vai começar a ser cada vez mais pequenina ao longo do tempo.

Entrevistado 1:

Era isso que eu queria dizer, era isso que eu estava a querer dizer.

Entrevistado 3:

Essa angústia vai-se diluindo quando te renderes à evidência que usas o Padlet de uma maneira agora e depois já não vais usar o Padlet, vais usar outra qualquer.

Esse foi um dos grandes ensinamentos que eu tirei do curso da Entrevistado 1. Foi que:

- Ai, não é assim que eu...? Não é só o Padlet que eu tenho que fazer? Não, porque daqui a uns tempos o Padlet já era, portanto, esquece. Ainda não é assim que posso fazer um portfólio de ferramnetas-chave para me agarrar e fazer aqui a minha rotina, nada disso, esquece.

Entrevistado 4:

Mas eu acho que a Entrevistado 2 falava de mais do que isso, desculpa, eu tenho 3 ou 4 autores de que eu gosto muito, de quem recebo e-mails diários com sugestões de aplicações.

Eu fico um bocado estressada, às vezes, porque não consigo ler/verificar tudo diariamente. Eu acho que a Entrevistado, pelo menos foi isso que eu pensei, se calhar pensa em algo assim, mais abrangente.

Entrevistado 2:

Sim, é isso não tem a ver com as rotinas

Entrevistado 4:

Eu fiz há pouco uma formação porque precisava de créditos. Muitas das coisas, eu já tinha ouvido, já conhecia da Entrevistado 1 e vi as colegas da ação da Entrevistado 1 também, vi muitas colegas muito aflitas, porque como não conheciam praticamente nada, tudo era demais para elas.

Eu realmente estava ali, eu e a Olindina, e vários de nós, até com um à vontade enorme e super fácil, íamos muito descontraídos porque já conhecíamos tudo isso e se aparecesse alguma coisa que não conhecíamos, era muito pouco.

Mesmo assim, eu não estou a falar, eu, pelo menos, e acho que a Entrevistado 2 também provavelmente não estaria a falar, daquela quantidade. Estaria, sim, a falar de tudo aquilo que há por aí. Eu, se abrir hoje dois ou três e-mail, que já recebi, em que os colegas fazem reposição das páginas deles em repositórios, nas minhas leituras, todos os dias, não consigo ver todas; é isso que depois me deixa um bocado angustiada, porque certamente haverá por aí coisas ainda melhores mas eu não consigo ir procurar tudo.

Entrevistado 2:

Sim, é isso.

Entrevistado 4:

Quando é assim uma enormidade de coisas por aí, claro que uma pessoa tem que ter os pés assentes no chão e escolher tudo aquilo que pode. Pronto, às vezes, até me apetece mandar um e-mail ao Francisco e perguntar “O que é que eu posso fazer para isto?”, ou à Entrevistado 1 “Olha, eu tenho este problema ...”, e facilmente temos ali a resolução e, pronto, salvos, no momento, e, noutros, vamos pesquisar quando pudermos, não sei.

Moderador:

E acham que existe por parte dos alunos uma mudança de atitude quando utilizam smartphone em sala de aula?

Entrevistado 3:

Acho que, sim, claramente.

Entrevistado 2:

Claramente, sim.

Entrevistado 6:

Claramente, sim.

Entrevistado 1:

Claramente.

Entrevistado 4:

Por um lado, como dizia a Entrevistado 1, porque os alunos habituam-se, e eu sinto isso com os décimos, eu não costumo ter sétimos mas sinto, com os décimos que chegam e em que temos, muitas vezes, muitos alunos que vêm de outras escolas e que não estão habituados a utilizar o telemóvel e precisam de aprender as regras, precisam de aprender que: “OK, eu posso utilizar, mas bem utilizado”. Não costumo dar logo na primeira aula, mas na primeira semana/segunda semana vou explicando como é que ele vai poder ser utilizado, que é um voto de confiança que estou a dar a todos, que seria muito bom para mim e para eles, porque acho que temos um mundo infinito de possibilidades nesse caso, mas que, apesar das circunstâncias e isto ir contra aquilo que eu gosto de fazer, se eles não o utilizarem como devem, se houver uma utilização errada, massiva, errada, então, vamos parar e vamos dar uns passos para trás; já me aconteceu isso.

Há uns 3 anos ou 4 tinha 5 turmas/6 turmas e lembro-me que numa delas tive que dar uns passinhos atrás, que tinha um grupo de 5 ou 6 alunos que não estavam a perceber muito bem as regras e entre eles conseguiam criar instabilidade na turma, dei uns passinhos para trás e depois, mais tarde, voltei a avançar e acabaram por gostar imenso.

Acharam uma novidade fantástica. Ao usarem, por exemplo, o padlet e verem lá o que estavam a escrever, acotovelavam-se uns aos outros, aquilo que nos dá alguma vontade de rir, porque já estamos habituados, não é? Mas ver a surpresa deles, como eles achavam aquilo tão estranho, eram miúdos de 14/15 anos, mas eles também se vão habituando a isto, vão-se habituando a fazer aquilo que a Entrevistado 2 dizia, “tenho um problema com um vocábulo”, vão logo buscar porque não há dicionário na sala de aula, portanto, é muito mais fácil e é isso que se pretende. Acho que se consegue suscitar neles uma vontade de saber, de procurar, de incitar a capacidade de pesquisar também que não

conseguíamos há algum tempo atrás, portanto, eu acho que há muitas e muitas outras, certamente de que não me lembrei de imediato.

Entrevistado 1:

Eu acho que o empenho e o compromisso dos alunos quando têm que realizar algo com o telemóvel é muito maior. Estão muito mais focados do que quando é sem, não tem comparação.

Entrevistado 6:

Sem dúvida.

Entrevistado 1:

Quer seja individual, como tem sido este ano, quer seja em grupo, como é costume fazer-se nos outros anos, eles envolvem-se muito mais, estão muito mais comprometidos, mais focados e, portanto, aprendem melhor, aprendem mais, não é? Porque perguntam dúvidas, a aula torna-se uma aula, uma aula na verdadeira aceção da palavra, só ensinar e aprender, é o que eu noto.

Entrevistado 6:

Também acho que sim.

Entrevistado 2:

Um dos aspetos que também realçava na postura deles é que há possibilidades e consegue-se ver mais, transformam-se em atores, atores no sentido de autores.

Entrevistado 1:

Quando eles têm que fazer, os protagonistas são eles.

Entrevistado 2:

Sim, nesta perspetiva parece-me que eles ficam mais confiantes e, também, mais seguros, porque estão com uma ferramenta a que estão muito habituados, não é, e que faz parte do mundo deles, e a escola, por norma, faz a separação entre esse objeto e aquilo que é o mundo escolar, e quando está a integrar o smartphone no mundo escolar de alguma forma, aquilo fica-lhes coerente, é a minha perspetiva, e parece fazer-lhes sentido. Aliás, eles verbalizam muito isso, agora já não tanto, já se habituaram comigo, não é? Mas verbalizam muito isso porque por aquilo que eu percebo há mesmo muitos professores que dizem que nem sequer podem, tem que estar mesmo na mochila, nem podem usar na sala de aula, e verbalizam essa questão, sentem-se confiantes, sentem-se seguros, sentem que podem ir buscar a informação. Se eu estou a falar do plano da semana e eles já não se estão a lembrar do que eu disse, eles vão rapidamente ao plano da semana no *onenote* e dá-lhes segurança, dá-lhes confiança, dá-lhes também espírito individual, o tal respeito

individual. Eu não estou a saber, mas vou agora ver porque não me apetece perguntar ou tenho vergonha de perguntar. Acho que eles ficam mais confiantes, mais seguros e mais autores, e eu acho que isto é uma ferramenta absolutamente fundamental para que eles se sintam bem, para que se sintam felizes e que progridam, a partir do patamar em que eles estão, porque há alunos, por exemplo, que são muito extrovertidos e que quando estamos a fazer aquelas sessões em conjunto, aqueles momentos em grande grupo, há alunos que o difícil para eles é não falar, são muito extrovertidos, mas há outros que não, são muito reservados e muito tímidos e com a tecnologia, por exemplo, acontece, já aconteceu algumas vezes, de estarmos a fazer sessões e, entretanto, começaram a fazer a tarefa e alunos responderam, outros fizeram pelo chat individual, porque eu ando sempre com o telemóvel também. Eu tenho o telemóvel comigo, o computador portátil aberto na sala e eu ando no meio deles e agora, por causa da pandemia, não andava tanto no meio deles e, então, mandam-me mensagens individuais, “professora, não concordei muito bem”, pelo chat do teams, por exemplo, que agora estamos a usar o teams, “professora eu não concordei muito com aquilo que há pouco o João disse, mas eu não quis dizer”, eu já sabia que não queria dizer, pronto, por uma questão de interpretação do texto, acho que permite a tal individualidade, o tal crescer de uma forma segura, feliz, construtiva, passo a passo. Portanto, essa é a postura que eu vejo num aluno. O aluno fica mais confiante, mais seguro e depois eu lá vou dando algumas dicas, obviamente, que qualquer questão que me ponham individualmente eu respondo sempre, não há nada que eu não responda a um trabalho nada, absolutamente nada. Não há um trabalho, uma frase que eles me enviam e, no ano passado, eu tinha 4 turmas e fazíamos igual, porque já usávamos muito também estas ferramentas, mas este ano tenho menos turmas e então é mais fácil para mim, não há uma frase que eles me escrevam no chat quer seja da matéria, seja,..., eles fazem textos autónomos a cada passo e não há nada a que eu não responda individualmente e a tecnologia a mim permite-me isto. Pode parecer muito estranho, uma proximidade muito grande, embora esteja longe, mas eu ainda ontem à noite estava a ver um texto de uma aluna que me escreveu e respondi-lhe; a tecnologia, o smartphone, para mim, tem a questão de, eu vou lá fora ao Jardim, vou lá fora dar uma volta, e ouvi uma mensagem de um aluno e respondo-lhe, “Ok, porreiro, depois amanhã falamos disso”, ou “Ainda bem que lembraste o assunto”.

Entrevistado 1:

Entrevistado 2, isso que tu disseste que pode parecer estranho, pode, mas não é a nós, neste *focus group*, isso que estás a dizer não é nada de estranho, isso é a nossa vida diária.

Entrevistado 2:

Pois, é isso, portanto, essa é uma vantagem muito grande do smartphone, essa individualidade, essa personalização, que o professor consegue com o aluno que não era tão fácil sem um smartphone. Não quer dizer que não seja possível, eles, às vezes, falam conosco assim à beira, baixinho e tal, mas o smartphone/a tecnologia permite essa personalização, essa individualização, que eu acho que é um ponto muito forte, porque se eles tiverem uma boa comunicação conosco enquanto professores, se sentirem à vontade, se sentirem confiantes, tudo o resto vai ser melhor com certeza, portanto, é ativo, autores, individualidade, seguros, confiantes - é essa a postura que eu vejo nos alunos, pelo uso.

Entrevistado 5:

Um desafio que se coloca sempre a nós professores de matemática é a linguagem científica, a forma como eles têm de escrever e depois, como é que partilham toda essa informação, os trabalhos deles, as dificuldades. Registrar isso, passa sempre por tirar uma foto e partilhar, não é? Não me dá para bater texto corrido que eles têm muita dificuldade, é difícil.

Entrevistado 4:

Engraçado isso.

Entrevistado 5:

Para nós também, demoramos muito tempo quando lhes queremos responder corretamente, não basta em linguagem verbal.

Entrevistado 6:

Demora um bocadinho mais.

Entrevistado 2:

Eu nunca tinha pensado muito nisso.

Entrevistado 5:

É uma dificuldade muito grande para nós, é muito difícil, para nós e para eles.

Entrevistado 1:

Se eles usarem aquelas aplicações que transformam os caracteres escritos em caracteres dactilografados, não se tornam mais fácil depois analisar em foto?

Entrevistado 5:

Mas é para ser analisada em foto?

Entrevistado 1:

Sim, se calhar, em vez de...

Entrevistado 5:

Se for para ser analisado em foto, então, eles escrevem no caderno e tiram foto e enviam uma foto.

Entrevistado 1:

Para isso tinhas que usar o OneNote.

Entrevistado 5:

Para eu lhes responder rápido.

Entrevistado 1:

Tinhas que usar o OneNote integrado com o Teams, o que é um bocado complicado.

Entrevistado 5:

Olha, mas assim coisas rápidas?

Entrevistado 1:

Com o OneNote, se tivesses a aplicação, já tem a linguagem matemática.

O OneNote, para linguagem matemática, é ótimo.

Entrevistado 6:

É ótimo.

Entrevistado 5:

Sim, mas não é rápido, pois não?

Entrevistado 4:

É, depois de te habituares e de aprenderes a trabalhar, é, eu acho.

Entrevistado 6:

Depois de aprender é rápido.

Entrevistado 5:

E se os alunos tiverem dúvidas, eles colocam-nas lá?

Entrevistado 6:

Lá, é a melhor maneira para eles colocarem as dúvidas e tu de as tirar.

Entrevistado 1:

É, olha, o OneNote é fixe, eu acho que é preciso pedir a um colega nosso que se chama Francisco, para dar assim umas 12 horas sobre o OneNote.

Entrevistado 4:

Era preciso, eu também penso valer a pena, ouvir e ver, mas eu gostaria de aprender.

Entrevistado 1:

Eu estou fartinha de ver alguma coisa [sobre o OneNote], mas eu acho que não consigo pôr os meus alunos a usar duas aplicações ao mesmo tempo.

Entrevistado 6:

Não é fácil, eu com o 12º consegui, eles conseguem, mas isso é o 12º. No 12º eles entram,... eu digo, é para entrar na aula digital, e eles entram, eu digo agora na página da escola virtual, eles entram, é para usar o bloco de notas, eles usam, é para me mandarem, agora escrevem e tiram fotografia, eles fazem.

Entrevistado 1:

Pois, os teus alunos começaram naquela escola comigo.

Entrevistado 6:

Pois é, mas outros foi comigo,

Entrevistado 1:

Mas a Entrevistado 5 tem secundários, então é mais fácil.

Moderador:

É temos que pensar nisso. Já agora, só em termos de curiosidade, e é importante, tenho aqui três perguntas que estão interligadas para tentar saber entre vocês ou de cada um de vocês. Em contexto de sala de aula quais são as apps especificamente que mais utilizam e para que finalidade, para que tipo de atividades as podemos utilizar, para avaliar ou outro tipo de utilização e com que frequência utilizam o smartphone? Sei que já responderam a esta pergunta a maior parte de vocês, mas estava aqui para ser colocada, portanto, vejam se numa frase conseguimos dizer o tipo de app, o tipo de atividade que fazemos e com frequência a utilizam.

Entrevistado 3:

Bem, eu devo ter mais fama do que proveito, porque, na verdade, uso essencialmente para avaliação, para aplicar questões de aula, testes e pequenas questões de rotina na avaliação formativa. Em termos de aplicações, de vez em quando, peço para eles fazerem um contributo para um padlet ou para fazerem uma votação no mentimeter. Não fujo muito daí, na verdade.

Entrevistado 6:

No meu caso é, para além do que a Entrevistado 3 referiu, uso o telemóvel. Obviamente, que quando fazíamos experiências, o telemóvel era o cronómetro. Eles nunca usaram os cronómetros tradicionais, daqueles analógicos, nem pensar nisso, nem dos digitais que a gente tem lá na escola, o telemóvel era o cronómetro, e eu apercebi-me que isso era uma mais-valia e vou-vos dizer porquê. Porque eu digo, “Vocês vão usar o telemóvel como

cronómetro” - “Ai, é altamente ...” Pronto! E depois acabei por ver que alguns miúdos vão para além disso: “Hei, professora, eu era capaz de ver isto melhor se filmasse e depois andasse devagar ou andasse para trás e, se andasse para trás, também é capaz de ficar giro”. Portanto, há estas mais-valias, começar pelo cronómetro e ver se eles vão além é giríssimo. Esta é a primeira coisa, depois utilizam o telemóvel para fazer, sei lá, os mapas mentais, às vezes, mas também estou como Alexandra, não há assim muitas aplicações e utilizamos para entrar na aula digital, para ver simulações que tenho lá e que já estão feitas: Deus me livre alguém me pôr para fazer simulações, é loucura, nem sei fazer, mas pronto, mas as simulações que estão lá, eles utilizam. E pronto, é mais isso, não vai para muito mais do que isso. Mas mesmo para isto é uma dificuldade enorme no básico para eles entrarem, usarem isto, e saberem e mexerem e usarem, por exemplo, uma simulação dentro da aula digital, e eles usarem e saberem o que estão a fazer, porquê?, para quê?, estás a perceber?, não é fácil, primeiro eles entrarem e depois saber usar a simulação é outra, mas é mais ou menos para isso que eu uso o telemóvel.

Entrevistado 1:

Eu privilegio aplicações em que eles não tenham que entrar, a não ser por código.

Que é o mais simples.

Porque tudo que seja palavras passe, lá está, estou a falar do básico, tudo que seja palavra passe e nomes de utilizador, e-mail, confundem institucional com o g-mail... Ainda agora, no final do período “então não é o g-mail?”, ainda confundem, portanto, só mesmo em casos extraordinários.

Mas nem tenho usado, eu uso para fazer avaliação formativa, uso o *quizizz*, uso *kahoot*, uso o *teachmader* e o *nearpod*.

Também fazemos trabalhos de pesquisa e depois apresentamos os trabalhos de pesquisa em padlet, em *wakelet* ou em *book creator*, por exemplo.

Fazemos mapas mentais, só uso o *popplet* que é o que eu acho mais apelativo para eles, porque é super simples. Depois, eles constroem e elaboram recursos com *apps* de telemóveis de vídeo e de edição de vídeo e, por exemplo, aí, nós, no ano passado, fizemos no 8º ano o seguinte: apresentei-lhes uma simulação, era sobre os fatores que influenciam a velocidade das reações. Uma simulação tem movimento e eles tinham que apanhar os “*print screens*” para verem como é que as curvas se desenrolavam para cada variável. E depois houve alguém que disse, “isto no meu telemóvel dá para fazer gravação de ecrã”; então fizeram gravação da própria simulação no telemóvel.

Em aula laboratorial em que toda a gente estava a trabalhar em pé, com as simulações, não foi preciso fazer trabalho laboratorial com produtos químicos e toda a gente percebeu aquilo muito bem com os telemóveis, uns não sabiam muito bem e perguntavam “então como é que se faz”, portanto, isso também usamos bastante.

Também faço diagnóstico, quando quero fazer diagnósticos utilizo muito aplicações, tipo *mentimeter*, e às vezes, por exemplo, hoje também uso *wordclap*, embora esteja mais a falar da experiência na sala de aula mesmo, uso o *jigsaw* porque dá-lhes as soluções, mas antes deles verem as soluções dos exercícios, por exemplo, eles têm que construir a solução toda em forma de puzzle e eles acham muita piada.

Entrevistado 3:

Escreve o nome aí no chat, o nome, por favor.

Entrevistado 1:

É o *jigsaw*

Entrevistado 6:

Essa é gira, parece-me bem.

Entrevistado 1:

É, por exemplo, um gráfico qualquer que eles tenham feito errado, depois é preciso mandar o correto ou as soluções de exercícios, eu faço aqui, ficam todas feitas em peças e eles às vezes dizem “setora, isto é difícil”, difícil porque eu escolho muitas peças e escrevo.

Uso isso muitas vezes, eles gostam.

Eu quando tive aula assistida com as espanholas usei isso, por acaso, lembro-me.

Uso também as aplicações de telemóvel científicas, por exemplo, para explorar o universo e para simular aparelhos que nós temos no laboratório. Usamos uma aplicação, por exemplo, para determinar a frequência do som e intensidade sonora, também gostam imenso, porque é muito interativa, eles têm que arranjar um som, e depois usam o telemóvel como microfone, deteta tudo. Depois pomos tudo aquilo num *padlet* e toda a gente vê. É muito interessante para mim, gostam imenso, aprendem logo a noção de frequência, é melhor do que com os gráficos que vêm nos manuais. Os gráficos são feitos em tempo real e eles põem as vozes deles, os gatos a miar, a vizinha a berrar e coisas muito engraçadas, eles põem isso tudo. Portanto, uso todas as aplicações científicas que eu conheço, são algumas, e esse trabalho pode ser feito em casa e depois pode ser debatido na aula prática. Porque é que não fazemos no laboratório? Porque os alunos são muitos, a turma toda a falar, e a professora também a berrar, (estou a exagerar e está tudo

a terminar em ar, mas é de propósito), é um trabalho que se faz em casa. Os vídeos, quando é criação de materiais que possa ser feita com materiais de casa, eles também fazem em casa e colocam no *padlet*, depois na aula, lá está, eles veem tudo o que os outros fizeram e ao mostrarmos os vídeos uns aos outros, os vídeos de uns inspiram os outros, inspiram-nos para o futuro, para futuros trabalhos, é isso. É como o *book creator*, no *book creator* eles fazem os livros isoladamente, por exemplo, em pares (e eu vou vendo aquilo), numa aula prática em laboratório de informática com os computadores, (quando estavam livres, quando havia) e depois não sabem o que é que os outros estão a fazer. No final, eu corrijo aquilo tudo, depois abro os livros todos perante a turma toda e vamos ver. Fiz um sobre os elementos químicos da tabela periódica que eles tinham que aprender alguns, a noção de elemento químico e depois alguns eram da tabela periódica.

Eles fizeram uma pesquisa orientada, sempre, tem que ser, com os *sites* científicos corretos, senão, eles vão buscar aquelas brasileiradas todas sem interesse nenhum, e, no sétimo ano tem que ser mesmo uma pesquisa bem orientada, mas depois o *book creator* permite muita imaginação, porque dá para mostrar com imagens e com vídeos. Depois, quando apresentei os 15 livros à turma, fiz na que é agora o 9G, eles estiveram a hora toda a olhar para aquilo e a analisar os trabalhos uns dos outros e eu depois corriji, porque dá para corrigir com um rato a vermelho, e eles “a professora esqueceu-se ali, ele não pôs o assento bem”, e, portanto, eles estavam mesmo atentos. Portanto, aquilo também dá para nós fazermos a avaliação formativa ao mesmo tempo, é o que eu uso basicamente, agora é assim, posso mudar do *bookcreator* para o *storyjumper*, posso alternar, em vez do *mentimeter* posso usar o *wordclap*, pronto, é conforme.

Entrevistado 5:

Nas minhas aulas uso, basicamente, só as plataformas das editoras e os recursos, isso, nos processos de ensino e aprendizagem. Na avaliação formativa, pontualmente, uso *kahoot*, *quiziz* e alguns formulários, e questionários com o *forms*.

E fizeram também um trabalho de pesquisa em grupo e como não se podiam juntar, fizeram na sala de aula com recurso, de facto, aos telemóveis, criaram os grupinhos e trabalharam assim. Isto na disciplina de MACS, que se proporciona mais para isso.

O trabalho de grupo depois lá partilharam também o que fizeram, e este ano eu fiz uma formação numa app que é :“*Milage aprender +*”, e usei em contexto sala de aula. Pronto, também gostei bastante e eles ficaram motivados para a utilizarem.

O que é que eu noto na disciplina de matemática? O programa é um bocado rígido e parece que não temos tempo para proporcionar aos alunos estas experiências: é, assim,

um bocado pontualmente, e o que até me fez evoluir mais em termos desta formação dos quizizz, que até são muito interessantes, e os *kahoot*, eu já conhecia estes, e a criação de *forms* foi a interrupção que tivemos o ano passado que nos obrigou a explorar muito mais isto.

O ano letivo arrancou e isso foi só pontualmente, agora parece que estamos a ter necessidade de despertar do novo para isso. Mas em relação a esta avaliação, também queria falar do seguinte: isto é um bocado, tudo na base da avaliação formativa. Não sei o que é que se passa em relação a um de teste avaliação que o aluno tenha de fazer.

Como é que um aluno faz um teste de avaliação à distância? agora ando um bocado preocupada com isso.

Entrevistado 3:

Estava mortinha que alguém puxasse o assunto.

Entrevistado 1:

Eu faço.

O ano passado, fiz em *forms* e em quizizz.

Entrevistado 5:

Mas eles fazem a captura?

Entrevistado 4:

Eu vou fazer *forms* e quiziz.

Entrevistado 5:

Ai! Mas eles fazem a captura das questões, eles partilham com os colegas.

Entrevistado 4:

Podes baralhar as perguntas.

Entrevistado 5:

É o que eu faço, eu faço com as perguntas baralhadas, com as respostas baralhadas, faço com tudo baralhado.

Entrevistado 6:

Eu tenho uma pergunta: quando fazes na sala de aula os quizzes ou os *forms*, os alunos copiam uns pelos outros?

Entrevistado 1:

Não.

Entrevistado 5:

Também a preocupação, como é avaliação formativa, é diferente. Agora estou a pensar num teste que tem um peso diferente.

Entrevistado 6:

Pois, o problema é o nomes das coisas.

Entrevistado 5:

E a avaliação que eu tenho de fazer sumativa dos meus alunos.

Entrevistado 6:

É um bocado isso, é um bocado isso.

Entrevistado 5:

Porque eu uso muito bem avaliar para aprender. Nesta avaliação formativa é importantíssimo avaliar para aprender, mas depois eu preciso de um número.

Entrevistado 6:

Exato, exato, e é..

Entrevistado 1:

Entrevistado 5, mas no ano passado também avaliaste, como é que avaliaste?

Entrevistado 5:

Avaliei porque houve alterações, os critérios de avaliação foram ajustados à situação.

Entrevistado 1:

Mas olha, não fizeste nenhum teste?

Entrevistado 5:

Fiz vários.

Entrevistado 1:

Formativos?

Entrevistado 5:

Estas a perguntar o quê? No final do ano letivo? Nós tínhamos uma sequência de tarefas, todas as semanas, faziam algo e fomos avaliando todas essas tarefas. Não fiz um teste.

Entrevistado 1:

Eu experimentei fazer o teste no forms. É assim, este ano ainda é melhor. O ano passado os alunos apareciam todos.

Entrevistado 5:

Com a câmara? Eles no ano passado não ligavam a câmara.

Entrevistado 1:

Sim, todos com a câmara, e no oitavo ano estavam todos com a câmara e foi muito engraçado porque eu ouvia-os a respirar e a falar baixinho como na sala de aula, a falar baixinho e a escrever. Eu estava a vê-los a escrever e a raciocinar baixinho, eles não tinham tempo para estar a mandar fotos uns aos outros, porque depois não era eu que dizia

“vai acabar” ou “acabou agora”, não, eu disse-lhes assim “atenção, porque o formulário vai chegar a uma hora em que vai acabar” porque estava programado e eles estavam ali e só me perguntavam “ó setora, aqui esta pergunta tal e qual”, como se fosse no presencial. Olha, as notas foram idênticas.

Entrevistado 5:

Pois nos formulários, tudo bem.

Entrevistado 1:

Eu avalei assim também este período, este período fiz tudo *online*.

Entrevistado 5:

É mas, a nossa limitação, há questões de escolha múltipla de... e por aí fora, uma série de verdadeiras e falsas, de associação entre outras de desenvolvimento, mas uma pergunta de desenvolvimento em matemática não é fácil.

Entrevistado 1:

É igual, tanto faz escrever no papel ou escrever no forms.

Entrevistado 5:

Como é que ele escreve no forms.

Entrevistado 1:

Então, tecla.

Entrevistado 4:

Então, nós temos textos compridíssimos.

Entrevistado 5:

Eles não conseguem escrever porque têm de escrever com a nossa linguagem.

Entrevistado 1:

Outra coisa que se pode fazer no forms é fotografia, escrevem no papel e tiram foto.

Entrevistado 5:

Mas não consegui.

Entrevistado 6:

Fazem no papel, tiram uma fotografia, e anexam no forms.

Entrevistado 1:

Fazem no papel, tira uma fotografia, e anexam no forms.

Entrevistado 5:

Ah, mas aí, podem partilhar a foto para toda a gente.

Estão a perceber?

Entrevistado 1:

Não.

Entrevistado 6:

Olha, minha querida, mas a mesma é partilhada por toda a gente quando estão na sala de aula.

Entrevistado 4:

Mas aí tu também vês se forem todas iguais

Moderador:

Não, porque a letra é de cada um e cada um tem uma.

Entrevistado 5:

Não eles recebem a fotografia e depois passam.

Entrevistado 6:

Não dá tempo.

Entrevistado 1:

Não, Entrevistado 5, cada aluno está a escrever com a sua mão.

Entrevistado 5:

Certo!

Entrevistado 1:

Então, não vai passar para os outros se não tu vês que é tudo igual.

Entrevistado 5:

Então passa a fotografia, o outro recebeu a fotografia e copia.

Entrevistado 6:

Não tem tempo.

Moderador:

Fazes perguntas diferentes.

Entrevistado 5:

Olha, se são 14 perguntas, os médios fazem 8.

Entrevistado 3:

Oh Francisco, eu tinha uma pergunta a fazer em relação, exatamente, a esta questão, que a Entrevistado 5 está a colocar e que é aquilo que certamente muita gente está a pensar.

No evento “Building the future” - Portugal em ação, falou lá um professor australiano de engenharia, um David Keller, pus aí no chat, bem siderou-me completamente com a apresentação dele, porque dá aulas na universidade, tem anfiteatros com 500 a 1000 pessoas, ele faz aulas com realidade aumentada, ele consegue, portanto, ter esses *OneNote* todos, portanto, os alunos fazem todos os exercícios da química, da mecânica e não sei

quê, aquilo depois fica em formato digital e depois ele tem ali um algoritmo que consegue corrigir os trabalhos de todos e dar feedback a toda a gente e depois fazer os testes personalizados consoante o trabalho que foi sendo desenvolvido.

Bem, eu estremecei, eu estremecei com aquilo tudo, não é?

Moderador:

É por isso que agora, fugindo um pouco ao assunto, eu já utilizo os testes personalizados, desde que aprendi a fazer a impressão em série, faço muitas vezes isso com os meus alunos, nem que seja só para lhes preencher o nome do cabeçalho.

Entrevistado 3:

Isso eu também faço.

Moderador:

Ou seja o que é que acontece quando eu faço um teste com perguntas? Faço uma folhinha de Excel e há situações onde eu altero valores num determinado parâmetro, quando eu faço o teste, depois faz impressão em série e vou buscar os alunos e, portanto, ao aluno A vai perguntar uma coisa, ao B vai perguntar outra, ao C vai perguntar outra e assim sucessivamente.

Entrevistado 5:

Isso, nós também fazemos, também temos 8 versões às vezes.

Moderador:

A partir do momento que ele já recebe um teste, até em sala de aula, onde nem sequer tinha que preencher nem o nome, nem a disciplina, nem a data, ele sabia que o teste era dele, ia perceber facilmente que a pergunta, mesmo que aparecesse desordenada, não é igual à do lado, e era o suficiente para eles não copiarem.

Entrevistado 3:

Acho que tinha que testar, explica-me lá, isso também se pode fazer com aqueles recibos que eu faço?

Moderador:

É exatamente como fazes um recibo, tu fazes as perguntas, e tu sabes que o teste do João em que perguntaste sobre a célula ou a introdução da banana, por exemplo, na alimentação, se tinha muitas calorias depois ao Manuel, perguntaste a batata ao João, perguntaste esse valor e ao Joaquim perguntaste os cereais e, portanto, se estivéssemos a falar, por exemplo, da roda da alimentação, qual é o alimento mais calórico. Se ao João apareceu a banana, ele vai dizer as calorias da banana, se ao Manuel apareceu a cebola vai dizer as características da cebola e assim sucessivamente e, portanto, depois ao

corrigir também vê-se no texto se ele foi ao encontro daquilo que perguntaste ou se deu a resposta do vizinho.

Entrevistado 3:

Mas essa distribuição...

Moderador:

Para eu dizer que a banana é mais calórica e só perguntaste a banana a um é óbvio que a resposta veio dos outros todos.

Entrevistado 3:

Mas a distribuição das tarefas não é via forms.

Moderador:

Não, eu faço impressão em série, faço um word para cada um e envio por mail.

Entrevistado 3:

Como é que eles escrevem a resposta?

Moderador:

Tu mandas o texto por mail exatamente como mandas o recibo.

Ele recebe o teste dele e vai responder ao mesmo e ele vai devolver.

Entrevistado 3:

E tu envias em Word?

Moderador:

Sim, portanto, até pode receber aquilo feito em papel. Eu fazia isso com a programação eles tinham que fazer os algoritmos, eles fazem em papel e devolvem em papel, ou por fotografia agora que estamos à distância, quer seja localmente na sala de aula, ele vai responder ao teste que ele tem à frente e não o teste do vizinho.

Aqui para responder à dúvida da Entrevistado 5 por causa das fotografias e passarem os exercícios uns para os outros.

O que não nos dá tempo, porque quando falamos em ensino à distância temos de falar em velocidade ou seja se fizeres um forms, se for para avaliar, tens que fazer muitas perguntas, de forma que ele não tenha tempo de olhar para o lado, e, se olhar, azar.

Entrevistado 5:

Eles queixavam-se disso porque tinham maus resultados, porque o tempo era pouco.

Moderador:

Mas isso eles tem que dar corda à sapatilha que é para poder ter tempo.

Entrevistado 1:

É como na universidade, é assim também.

Entrevistado 5:

O problema era o tempo, não era não saber

Moderador:

Depois, nós podemos ter o bom senso, por exemplo, se dei 120 perguntas ele respondeu a 100, vou contar as 100 melhores.

Estás a entender? Podes fazer uma fórmula depois para os beneficiar, agora tem que dar é um determinado número de perguntas para responder num determinado espaço de tempo que dê tempo para responder e depois de todas dar uma benesse de 10 ou de 20%, se em cem perguntas ele respondeu muito bem a 90 dou 100 na mesma, não é?

Entrevistado 5:

Mas o problema aí, sabes qual é?

Depois como faço com o domínio, afinal, eliminei o domínio um ou o dois e não bate certo.

Moderador:

Isso é muito fácil, é matemática, tens de fazer percentagens, é fácil.

Entrevistado 5:

Não é nada porque cada pergunta estava num domínio

Moderador:

Contas exatamente 80% das perguntas certas de cada domínio, é o mesmo?

Entrevistado 5:

Se não esteja?

Entrevistado 5:

Não dá, isso já não dá, já percebi que isto não vai dar, agora outra pergunta.

Moderador:

Não, mas é uma forma como outra qualquer.

Entrevistado 6:

Entrevistado 5, olha, vai lá e vou tentar explicar que eu também me chateio com os domínios até dizer chega, eu vou tentar explicar, isto é, se quiseres fazer uma coisa do tipo que o Francisco está a dizer, tu fazes, imagina, que tu fazes, vou fazer, números ao calha, 5 perguntas no domínio 1, duas do domínio 2 e duas do domínio 3 e portanto, tu fazes a mais duas do domínio 1, faz a mais estás a ver?

Entrevistado 4:

E depois? Eles só podem deixar de responder a uma de cada domínio.

Entrevistado 5:

Exato

Entrevistado 4:

Já agora aproveitava também, os nossos testes tinham a duração de 100 minutos e agora, o que é que é aconselhado?

Entrevistado 6:

Razoável digitalmente.

Entrevistado 5:

Razoável.

Moderador:

O que tu achares.

Entrevistado 5:

100 em minutos é, não?

Entrevistado 6:

100 minutos é muito.

Entrevistado 5:

Pois é uma violência, não é agora?

Meu Deus nós fazíamos coisas pequenas, como é lógico, eram 10 minutos, 15, era o que fazíamos. E agora?

Entrevistado 6:

Se for um teste, eu acho que punha o tempo de 50 minutos.

Estou a falar para o secundário, matemática.

Entrevistado 5:

Isto não devia ser assim agora definido na escola.

Entrevistado 2:

Ou por área disciplinar, são favoráveis que se faça.

Entrevistado 5:

Já tivemos reunião, ontem já se está a pensar

Entrevistado 2:

Nem sequer fazemos testes, nós fazemos vários instrumentos, várias atividades que entram, nem fazemos testes, mesmo em sala de aula.

Entrevistado 4:

Nós fizemos a mesma coisa, decomposemos o teste em vários instrumentos.

Entrevistado 5:

Não, não, espera aí, porque tinhas previsto um teste, não era?

Entrevistado 2:

Não, nem sequer tínhamos testes, não fiz teste aquele verdadeiro teste, o que fazemos são várias atividades ao longo do período que contam para avaliação formativa. Portanto, a questão dos 50 minutos, 100 minutos já nem se levanta.

Certo ?

Entrevistado 5:

Não e a questão da Entrevistado 4 agora para este período.

Entrevistado 4:

Nós temos um teste que foi dividido pelas, ...?

Entrevistado 3:

Pelos domínios?

Entrevistado 4:

Não foi pelos domínios, foi pelas competências da língua, dividimo-lo assim, o único que vai ter mais tempo que é escrita para eles poderem efetivamente compor um texto que terão 50 minutos, o resto, eles vão fazer a leitura em 15 minutinhos, vão fazer o *listening* em outros 15 ou 20, portanto, decomposemos nas diferentes competências, *skills* da língua, e vamos avaliar assim.

Entrevistado 5:

Sim, mas se dividirmos o teste em 5 partes, por exemplo, temos de agendar todos esses momentos.

Entrevistado 1:

Ou não.

Entrevistado 6:

Ou não?

Entrevistado 4:

Não, nós não temos. Se vamos dar um texto, eu vou responder às perguntas do texto, desde que seja do tema que esteja a tratar é uma questão de aula na verdade.

O *listening* é sobre aquilo que eles estão a ouvir, desde que seja um assunto que se está a tratar. Não, não precisas de estar a dividir.

Entrevistado 2:

As línguas é diferente agora disciplinas que impliquem muito estudo, treino, convém marcar com os alunos, acho eu.

Entrevistado 4:

Por exemplo, nós a gramática vamos marcar apesar de a concentrarmos em 15 / 20 minutinhos, vamos marcar.

Entrevistado 6:

Exato, para casa, acho que não é preciso marcar.

Entrevistado 5:

Só desafios, estávamos nos desafios

Entrevistado 6:

A cena de marcar datas para testes enerva-me solenemente e isto também deixa os miúdos estressados.

Entrevistado 4:

Deixa os miúdos estressados

Moderador:

Verifiquem agora se os vossos alunos vão utilizar muito bem a câmara ou não nas primeiras aulas. Caso os alunos todos de uma turma tenham a câmara, é muito fácil perguntar e dizer-lhes mesmo que eu: “Vamos fazer uma experiência, façam o exercício e apontem a câmara para o vosso caderno”, e vocês veem se conseguem verificar se ele está escrever ou não e, portanto, se virmos que numa turma se consegue observar assim eles quietinhos a fazer o teste, como aconteceu, por exemplo, com a Entrevistado 1, que até os sentiu a respirar e eles a fazer. Poderás utilizar o teste de forma normal, em que ele faz e no final envia fotografia do que fez.

E tu foste acompanhando ao longo do tempo a resolução dos exercícios.

Quanto aos exercícios, e para não haver a facilidade de passar ou não, também podes dar exercício a exercício. Claro que o ideal era ele ler e fazer aquilo que sabe melhor, mas se sair agora só esse exercício, façam, enviou fotografia, segundo exercício, façam, enviam fotografia, consegues acompanhar mais ou menos. Não quer dizer que ele não copia, não quer dizer que não tinha alguém do outro lado a resolvê-lo e que ele esteja olhar, etc., pronto, mas já ajuda, não é? Depois o valor de um aluno que normalmente tirava sempre um dez e começa a tirar só vintes? É ótimo o ensino à distância, mas há qualquer coisa de errado.

Entrevistado 6:

E depois tu questionas como é que ele conseguiu ser tão bom, não é?

Entrevistado 1:

Por isso é que o *forms* temporizado ajuda porque o aluno não sabe quanto tempo vai ter para acabar aquilo e ajuda, ajuda, ou não?

Moderador:

O que vocês têm nos exames nacionais, aquelas perguntas de escolha múltipla, ele vai resolver o exercício e depois vai dar o resultado A, B ou C, como acontece nos nacionais, em que ele tem que escolher e vocês não têm que ver a resolução, mas veem se ele escolheu bem; isso com as perguntas baralhadas, ele não sabe.

Entrevistado 5:

Sabes que eles em matemática não têm muito sucesso nisso se se enganam em qualquer coisinha e pronto. As escolhas múltiplas para eles, não.

Moderador:

Podes fazer de outra forma, exercício a exercício, ele faz, tu estás atenta, ele envia a fotografia, deste aquele tempo que é o suficiente e vais monitorizando.

Voltando à nossa conversa sobre as apps para não distrair muito, estamos quase a acabar, e não vos quero prender muito tempo.

Entrevistado 2:

Sim, acho que faltava a Entrevistado 4 e eu, não é?

Moderador:

E tenho aqui mais umas perguntinhas que são muito fáceis e que têm a ver um bocadinho sobre as condições de agora. Vocês acham que os alunos possuem smartphones, já me responderam a isso e de forma mais ou menos indireta, mas acham que na maior parte os alunos possuem smartphones compatíveis com as aplicações que vocês pretendem utilizar?

Entrevistado 4:

Sim.

Entrevistado 2:

Sim, sim.

Entrevistado 1:

80 % tem.

Entrevistado 3:

Acho que sim.

Entrevistado 5:

Ah, sim.

Entrevistado 4:

Aliás, já me aconteceu estar a trabalhar com eles na sala ESAG XXI e disponibilizar também os tablets e alguns deles preferirem estar com os respetivos telemóveis a que estão mais habituados.

Entrevistado 3:

Sim, sim, sim, sim.

Entrevistado 4:

Conhecem-nos melhor, depois irem lá pesquisar e trabalharemos lá no *canva* ou criarem lá mesmo as tarefas e fazerem o trabalho que estão a fazer ali, *book creator* etc. Preferem trabalhar no telemóvel do que estarem no tablet e, às vezes, até mesmo no computador há alguns miúdos que preferem, sem dúvida alguma, a maioria, eu acho que sim.

Entrevistado 2:

Mesmo alunos com dificuldades económicas apresentam um smartphone com capacidade para fazer e executar as aplicações que fomos falando aqui.

Entrevistado 4:

Sim, sim, Também considero que sim, não tenho tido problemas.

Entrevistado 2:

O que não deixa de ser estranho, mas a internet é um caso diferente. A internet, por exemplo, há alunos que, independentemente da escola ter internet, têm os dados, têm pacotes que o pai compra, aí já é uma minoria, já não é tanta gente, agora a ferramenta em si, o smartphone, se tiverem acesso à internet, eu julgo, não sei a percentagem, mas pelas turmas que eu tenho, não tenho nenhum aluno que não trabalhe com o smartphone, por exemplo.

Entrevistado 3:

Sim, sim.

Entrevistado 6:

Aí, sim.

Entrevistado 1:

Ah, mas eu tenho.

Entrevistado 5:

Eu também tenho, tenho.

Entrevistado 1:

Tenho mais que um

Entrevistado 4:

Mas são mais novinhos, no secundário é diferente.

Entrevistado 6:

Todos os meus alunos têm smartphone.

Entrevistado 4:

Eu perguntei logo no início do ano, se alguém não tinha, se não poderíamos utilizar e uma menina disse, “Professora, não trarei sempre, mas vou ver” e eu respondi “Não, não tem que ter como é lógico, eu resolvo de outra maneira. Eu trago-lhe um tablet e resolvo o problema”.

Entrevistado 1:

Eu também carrego tablets.

Entrevistado 4:

Mas para ela, pronto, seria a solução. Mas passados poucos dias já o tinha e eu estava com esta preocupação, mas muito rapidamente deixei de o levar porque ela efetivamente começou a usar sempre e era a única que não tinha, mas passou a levar sempre.

Entrevistado 3:

Sim e há os casos dos castigos digitais, não é, que depois é preciso para os alunos que estão sem telemóvel até ao final do ano e tal, pronto. “Não há crise. Eu requisito e trago para ti”. Às vezes, eles não estão com bateria e essas coisas, mas pronto, há sempre um plano B. À distância já não será tão simples, não é?

Moderador:

Sim e em termos de aplicações, de apps, vocês encontram facilmente apps que vão ao encontro dos vossos conteúdos programáticos.

Entrevistado 6:

Facilmente, não é, o que eu acho que a colega (que eu já me esqueci o nome, da Clara, que está ali escrito da Entrevistado 2, não é Clara) estava a dizer.

Facilmente não, e é aqui que eu me esqueci de dizer há bocado, mas onde reside também alguma da minha frustração: é eu não ter tempo suficiente para conseguir procurar e selecionar.

Falta imenso tempo porque efetivamente, se eu quiser, há uma app para tudo.

Para qualquer coisa que eu queira fazer há uma app, de certeza, agora, o meu tempo não me permite. Eu não tenho tempo suficiente para procurar, selecionar e preparar uma aula às tantas como eu queria que acontecesse. É a minha maior dificuldade, agora, que existe, existe.

E quando não existe uma, tu fazes a mistura de duas e consegues lá chegar.

Entrevistado 4:

Sim, sim

Entrevistado 2:

Eu acho, por exemplo, que as editoras dizem que passarão agora para um plano mais , é uma das áreas de aprofundamento das editoras, já que são um lobby económico muito forte no país, poderia ser um dos caminhos, era exatamente criar propostas de ferramentas de aplicações para se poder fazer o trabalho escrito, a oralidade, compreensão do oral, leituras expressivas, porque neste momento temos que andar à procura, não é?

Entrevistado 6:

Não, isso já existe.

Entrevistado 2:

Sim, existe, mas estou a dizer, independentemente do que for, temos que ser nós, obviamente, a ir buscar qual é melhor ou fazer formações. Eu tenho colegas minhas que não fazem a menor ideia quando tu falas palavras como o *mentimeter*, o *kaoot* ou *padlet*, “o quê, Entrevistado 2, está ai a falar ... o que é isto?”. A Garrett é uma exceção muito positiva das escolas no país. Atenção, não é de uma forma geral.

Entrevistado 1:

O centro de formação tem, e abarca muitas escolas, e tem muitas ações de formação nestas áreas, já há uns anos.

Entrevistado 2:

Sim, Entrevistado 1, uma coisa é haver ofertas, outra coisa é haver formação. Uma das grandes falhas dos professores em Portugal é a tecnologia. Ontem, naquela reunião...

Entrevistado 1:

Isso é porque as pessoas é que optam por fazer formação nas áreas pedagógicas e didáticas, e não nas tecnologias.

Entrevistado 2:

Pois, sim, eu sei, até porque foram orientados também.

Entrevistado 1:

Porque para formação não falta.

Entrevistado 2:

Ok, eu não estou a dizer que falta formação, sou eu ...

Entrevistado 3:

Ontem a colega estava maravilhada com o *mentimeter*.

Entrevistado 2:

Exato! Ontem quem esteve com pachorra de ouvir aquilo a tarde inteira, houve ali situações surrealistas, não é, mas que na verdade são o espelho daquilo que vai acontecendo no corpo docente em Portugal. Pronto! Para não entrarmos por esse caminho, mas acho que eventualmente uma ajuda, por exemplo, professores que não estão habituados e que não dominam, por exemplo, se lhes disserem abertamente ... como aqueles professores que seguem o manual também seguiriam um conjunto de aplicações. Digo eu, acho que as editoras poderiam ter aí um caminho para ajudar professores que só absorvem muito aquilo que as editoras fazem, não é? Em Portugal temos muito esta ideia, não é só em Portugal, mas aqui também temos, e poderia ser uma forma porque realmente, na verdade, é complicado para professores que às vezes nem conseguem trabalhar nas ferramentas mais simples, procurar uma aplicação ou propor a um aluno que faça, por exemplo, uma declamação expressiva de um poema num formato digital como os meus alunos fizeram há 2 semanas ou 3 semanas. De facto os alunos, por exemplo, os meus puderam fazer, porque o ano passado tiveram formação. Eu sabia que eles tinham tido formação sobre a situação etc, mas isto não é muito comum. Agora, imaginemos que a ferramenta de português de oitavo ano tinha lá como propostas, declamação de poemas a partir da ferramenta x.

Entrevistado 1:

Ó pá, não.

Não é assim. Eu já pensei nisso aqui há uns anos, mas é assim. As editoras não podem fazer uma coisa dessas, por duas razões, não podem e não devem. Primeiro, os livros ficavam obsoletos num instante. E eles tinham que fazer reimpressões para atualização das ferramentas, e eles tinham que estar sempre a fazer reimpressões e isso fica muito caro.

Entrevistado 2:

Não, não seria em papel, pois não.

Entrevistado 1:

Pronto, mas ficaria caro, ficaria caro mesmo que não seja em papel, vai haver em papel sempre, porque vai haver sempre a opção do aluno ter o digital ou ter em papel. Isso é o que está combinado com o Estado.

As duas coisas vão haver, mesmo no digital, é preciso pagar, as pessoas...

Entrevistado 2:

Tá, mas eu não propunha nos manuais. Eram aquelas ferramentas que nós recebemos e de propostas digitais ou aquelas ferramentas.

Entrevistado 1:

Segundo, a segunda questão que para mim ainda é mais importante, eu não concordo nada com isso. E eu acho que isso, desculpa, é fazer de mim um bocado imbecil, é o que eu acho, porque eu não sou capaz... repara, eu tenho o meu livre-arbítrio como professor e sou profissional e sei o que quero e como quero que seja o meu desenvolvimento profissional docente. E eu não quero que seja a editora a pôr-me a papa toda pronta.

Entrevistado 2:

Então, e os manuais são o quê?

Entrevistado 1:

Já outro dia conversava com a Entrevistado 3 sobre isso, eu não uso nada das editoras *online*. Pronto, e os manuais não sou eu que os adoto, é a escola. Quando a escola não adotar, eu faço de outra maneira, agora se os miúdos gastam 20 e tal euros no manual, eu vou usá-lo, embora haja colegas na minha área disciplinar que não usam, mas se os miúdos carregam 20 e tal euros, e os pais pagaram ou o Estado, agora pagou 20 e tal euros eu vou usar aquilo até aquilo ficar velho. Até me faz aflição quando os alunos entregam os manuais todos novos, pronto, mas é só isto, é um posicionamento diferente.

Acho que nós, nós, como professores, temos que estar em pesquisa contínua. E se queremos usar digital, temos que pertencer a comunidades de prática, estar *on*, fazer formação na nossa área, procurarmos, exatamente como procuramos atualização num conteúdo científico.

Olha, agora surgem as ondas gravitacionais; eu, professora de física e química, tenho que ir ver como é que foi o estudo das ondas gravitacionais. Não vou ficar à espera que a editora no próximo ano resolva pôr um texto sobre as ondas gravitacionais, percebes?

Entrevistado 2:

Entrevistado 1, desculpa interromper, eu concordo perfeitamente contigo e já percebi o teu pensamento e concordo perfeitamente a questão, não é essa questão? Os professores de físico-química deste país, não são como tu. Para haver transformações, para haver transformações em massa espera sentada por essa proposta que tu fizeste.

Entrevistado 1:

Eu não faço essa proposta, estou a dizer que eu acho que se deve fazer assim, porque acho que nós somos uma massa de intelectuais, que andamos todos na universidade.

Entrevistado 2:

Concordo contigo.

Entrevistado 1:

E depois chegamos à parte profissional e resolvemos acomodar-nos como se fossemos um empregado de escritório, em que temos patrão que te diz como é fazer as nossas coisas. Não pode ser. Nós não somos *copy-desk*, nós temos que ser inovadores, temos de ser imaginativos e temos que não só sermos como criar nos alunos a necessidade de o serem também. Ora, se nós estamos à espera que nos apresentem a papa toda feita, como é que nós vamos alguma vez ser inovadores e criativos e inspirativos para os alunos?

Entrevistado 2:

Concordo perfeitamente contigo.

Entrevistado 1:

Este pensamento, este pensamento não sou eu, não, que estou a inventar, eu defendo esta teoria, eu defendo este pensamento. E acho que, também não vou dizer que as pessoas em Portugal pensam todas ao contrário ou que são poucos que pensam assim, como eu estou a pensar. Porque eu vou acreditar que dos 100 000 professores que nós somos, que a maioria são bons profissionais.

Entrevistado 2:

Espera sentada.

Entrevistado 1:

Não, não tenho essa perspetiva tão negativa. Olha, eu já trabalho há muitos anos, infelizmente, (até gostava de trabalhar há menos que era sinal que era mais nova) e é verdade, mas é, quer dizer? Há muita gente que tem outras limitações e não só, outras pessoas põem a vida pessoal à frente da profissional, não a põem a par. Enfim, pronto há muitas questões, mas, por isso é que eu não quero nada que as editoras me deem mais coisas e ainda sugestões para fazer, não quero nada daquilo, eles podem pôr, eu é que não vou ler, que é o que faço agora com a *escola virtual*, porque acho que é por causa disso que nós estagnamos. Se nós não tivéssemos manual adotado, como em muitos países em que não se adota. Em Portugal também nós podemos não adotar, nós estamos a dotar por uma questão já cómoda, porque as editoras fazem muita pressão.

Entrevistado 2:

Economicista

Entrevistado 1:

Pronto, e as editoras também fazem muito isso, não se percebe como é que se tem uma lei que diz que nós podemos não adotar o manual e depois o Ministério paga os manuais a todos os alunos? Não, não dá para entender isto, é uma questão partidária ou política? Sei lá... pronto.

Por isso, acho que nós temos de ser sempre permanentemente picados, se nos dão (o ser humano é assim) se nos dão tudo, nós acomodamo-nos, ficamos nas nossas zonas de conforto e depois ainda ficamos a querer mais, a exigir, a achar que temos pouco e que não sei o quê, e que devíamos ter muito mais.

Quer dizer, e nós contribuímos para o avanço do país e para a cidadania, como? Os outros é que têm que fazer isso, quer dizer, eu nestas coisas sou assim um bocado mais irreverente.

Eu não espero sentada, eu ando sempre para a frente.

Mas acho que é uma posição, eu percebo o que estás a querer dizer.

Porquê? Porque é nesse exercício, nesse esforço, nessa falta de tempo, que a Entrevistado 6 diz que não tem e que nós todos não temos, não é? Temos todos falta de tempo, mas é nesse esforço, nesse exercício de passar por esse obstáculo, ultrapassar esse obstáculo que nós nos desenvolvemos também profissionalmente e os nossos neurónios também não param.

É um bocado por aí, é um esforço. É, mas qualquer trabalhador que faz o que gosta cansa-se muito e eu se andasse nas obras, ainda ficava mais cansada...

Entrevistado 2:

Entrevistado 1, mas o que eu estava a dizer, repara, por exemplo, há imensas gramáticas para dar um exemplo concreto, há imensas gramáticas em português. Ok? Eu posso garantir que há uma série delas que tu não deves consultar, mas não sou eu professor de português que já deixei a universidade há não sei quantos anos que ando a estudar a linguística, ao ponto de te poder dizer que é aquela ou não, o que é que eu faço? Os especialistas da área da língua e da linguística na Universidade do Porto, que são as pessoas científicas com quem eu presto ou que tenho confiança e ouço as orientações deles, eles dizem-me assim, “atenção, seguir a partir de agora a nomenclatura seguindo a gramática X, Y e Z”, eu tenho a X, Y e Z aqui e consigo sentir-me segura. Eu, na tecnologia, não consigo sentir isto, percebes, mas não sou eu que não sou especialista em tecnologia, eu só acho é que imaginemos que há pessoal em tecnologia e que dizia assim? Nesta área, estas aplicações são exequíveis, se têm qualidade, é um bocadinho aquilo que o Francisco está a tentar fazer, criar uma forma de o professor, como utilizador, chegar a um espaço e ter alguma garantia de eficiência de qualidade. Quando eu digo que não, por exemplo, na área das línguas, na área de português, há muitos colegas meus que dizem, “Esquece lá isso das tecnologias, não é para as línguas!” e, se calhar, haverá outras disciplinas em que é mais fácil, ou não? Quando eu dizia que as aplicações neste

momento são um mundo, um mundo que faz parte do mundo líquido, não é da sociedade líquida que os filósofos agora apontam, que é tudo rápido, é tudo a mil, tudo a milhares de opções, não é? No supermercado, vais comprar um champô, mas não tens lá um, tens lá 2 prateleiras enormes com champô, mas eu só queria um, e isto é uma sociedade, até esta questão de tecnologia não é única, não, é envolta numa sociedade.

Entrevistado 1:

Olha, e tu não sabes escolher um champô? Sabes, e também sabes variar os champôs, não sabes? Não o fazes?

Entrevistado 2:

Até faço à sorte, às vezes. Estou a brincar...

Entrevistado 1:

Não, e corre mal, e depois tu vais e compras outro que é o que acontece com as *apps*, porque assim é o que especialistas aqui em tecnologia (e especialista em tecnologia é o Francisco) têm que fazer.

Tu és especialista em linguística, por exemplo, e a Entrevistado 5 é especialista em matemática.

Entrevistado 2:

Não sou, estás a ver, mas antes disso, o professor não tem de ser especialista em linguística.

Entrevistado 1:

Pronto, mas todos somos especialistas nas nossas áreas e não somos tão especialistas quanto isto, mas somos, depois somos especialistas em generalidades.

Todos os especialistas em generalidades, todos, e o mundo e a sociedade cada vez tende mais para a especialidade; o campo de conhecimento cada vez é maior, cada vez mais as pessoas têm que estudar coisas mais pequeninas. Para as nano partículas, há especialistas em nano partículas, quer dizer, quando a nano partícula foi inventada teve que se começar a estudar melhor aquilo e agora há especialistas em nano partículas.

Entrevistado 6:

Exato.

Entrevistado 1:

E antes não havia, isto quer dizer que nós somos cada vez mais especialistas e há quem defenda até que o ser demasiado especialista nos torna um bocadinho “pouco abertos”, demasiado desconhecedores do resto do mundo, o que é verdade. Portanto, nós professores temos a vantagem de sermos especialistas, porque nos formamos numa

universidade e depois, como vamos para um trabalho muito especial, em que os nossos alunos nunca envelhecem, tornamo-nos especialistas em generalidades.

Neste momento, a tecnologia digital é uma generalidade em que nós todos temos de ser especialistas.

Entrevistado 6:

É isso.

Entrevistado 1:

É o que é.

E quem não está bem tem que de mudar, porque fica obsoleto e a educação não avança.

Entrevistado 6:

É.

Entrevistado 1:

É um ponto claro.

Moderador:

Em termos de infraestruturas, nós somos um caso diferente, se calhar, igual a muitos outros aqui no país, mas acham que as infraestruturas da escola são adequadas para proporcionar a utilização do smartphone em sala de aula?

Entrevistado 1:

Então, não são perfeitos.

Entrevistado 2:

Este ano sim.

Este ano, eu não sei, deve ser das salas. Este ano noto uma capacidade de internet absolutamente incrível. O ano passado, não.

Entrevistado 1:

Oh, quero essas salas!

Entrevistado 3:

Eu também

Entrevistado 6:

Eu também

Entrevistado 2:

Este ano não falha, eu passei o período inteiro.

Entrevistado 1:

Em que sala estás?

Entrevistado 2:

É a sala dos oitavos anos.

Entrevistado 1:

Pois, exato.

Entrevistado 2:

Não falha, nós fazemos testes, fazemos as aplicações, fazemos outras atividades, não é? Todas as ferramenta em sala de aula, não falha a internet.

Entrevistado 3:

Experimenta no laboratório ali no lugar mais remoto virado para o El Corte Inglés.

Entrevistado 2:

No ano passado, já não era assim, às vezes, tinham que ir para a porta, coitados, levantavam-se e iam à porta para apanhar rede, mas este ano, sim, está bem. Mas eu acho que a rede de internet é uma falha muito grave nas escolas.

Entrevistado 6:

Em relação a outras escolas efetivamente não estamos muito mal.

Entrevistado 4:

Não, não, como ouvimos na formação houve coisas assim de bradar aos céus que se ouviu relativamente a outras escolas, não é?

Entrevistado 6:

É verdade.

Entrevistado 4:

Reparem, deixando a internet de parte ouvimos coisas do tipo de ainda terem que ir buscar o computador e os cabos para fazerem as ligações, quer dizer, isso, nós já fizemos há quase 20 anos atrás.

Aqui não, e já há muito tempo.

Entrevistado 1:

Fica-nos mal ser juiz em causa própria, mas, de facto, a nossa escola, para quem vem de outras e conhece outras, é top.

Entrevistado 6:

É magnífica.

Entrevistado 1:

Então, não é? Eu sei, mas é, por acaso, sou efetiva e fica mal até dizer estas coisas, mas é verdade, é verdade. Às vezes as pessoas que estão há mais tempo nem reparam nisso, mas vocês que vêm de fora apercebem-se mais.

Entrevistado 6:

É verdade.

Entrevistado 1:

Vocês, as mais novinhas, que já passaram por outras, é isso, mas é assim, também se deve muito e só e quase exclusivamente à vontade da direção e ao Francisco e às pessoas que lá trabalham.

Entrevistado 6:

É.

Entrevistado 1:

Porque o que eu vi nas outras escolas foi que as direções diziam muito, “não dá”, “isto dá muito trabalho”, “não há dinheiro”, “não há, não sei quê”, porque o dinheiro era para outras prioridades. Eu tenho que reconhecer que a direção e o Francisco e o diretor, que também têm essa visão, e acho que a têm por mérito próprio, não a têm obrigados. E o Francisco é espetacular, nunca tive um colega responsável pela rede numa escola que tivesse a sua disponibilidade e paciência e é do género, faço uma proposta, ele diz “Ora, isso já pode ser, já era para ontem, vamos lá”. E isso, as pessoas são muito importantes, muito, muito importantes, numa escola.

Entrevistado 6:

É verdade.

Entrevistado 4:

E não notamos só na nossa escola e no nosso país, porque quando estamos nos Erasmus notamos muitas vezes que nós estamos muito à frente de muitas escolas de outros países.

Entrevistado 1:

A sério?

Entrevistado 6:

Olha essa parte é que eu não sabia.

Entrevistado 1:

Dos Erasmus, não sei, mas pronto, nós estamos aqui a dizer bem da nossa escola, mas temos que dizer bem, argumentando com conhecimento, não é? Temos que dizer bem

com suporte e o suporte é comparando com outras em que já estivemos ainda recentemente.

Entrevistado 4:

Nós notamos porque inclusivamente até foi agora quando estavas a falar do Diretor, quando tu disseste o Francisco e o Diretor, o Francisco foi e esteve em várias atividades, em várias mobilidades e viu, de certeza absoluta, suponho que terá visto algumas situações menos simpáticas ou menos boas do que a nossa. Eu lembro-me perfeitamente de ouvir colegas a darem os parabéns ao Diretor, à nossa escola e ao Diretor, porque ele estava presente como diretor e também tinha ido na mobilidade pelas condições que nós temos e pelo trabalho que é feito, e pelas condições que nós temos para fazer o trabalho que se faz.

Entrevistado 1:

Eu acho que isso é à vontade e é por isso que, às vezes, eu ouço as pessoas dizerem mal e fico assim um bocado incomodada, porque, às vezes, o dizer mal tem a ver até com questões, se calhar, pessoais ou outras; fico um bocado incomodada, porque, em termos profissionais, a escola neste aspeto é uma maravilha e digo muito isso aos alunos sobre a escola que têm e que eles têm muita sorte.

Entrevistado 2:

Eu também digo isso.

Entrevistado 4:

Eu digo “Vocês têm uma sorte terrível, então, vocês já olharam bem para onde é que estão? Olhem para as vossas salas, olhem para as condições. Olhem o que vocês podem fazer”, estou sempre a dizer isso para eles darem valor ao que têm e é quando eles dizem assim, “Oh, stora, pode crer, é que isto é mesmo diferente das outras” e eles dizem isso, portanto, é.

Entrevistado 2:

Sim, mas a nível de condições, é claro que é, e, para além da internet, o ideal seria que as escolas em Portugal estivessem apetrechadas com 2 computadores ou 3 em cada sala, por exemplo, e, se calhar, no futuro far-se-á de outra forma, não sei.

Pronto.

Entrevistado 1:

Os alunos vão ter cada um seu computador e o professor terá o seu.

Entrevistado 2:

Exato

Entrevistado 2:

Por enquanto, a nível de tecnologia há questões que deveriam estar mais ou menos asseguradas em todas as aulas e não estão porque o smartphone não dá para fazer, por exemplo, produção de texto, quer dizer, dá para fazer, que eles coitados escrevem texto no smartphone, que é inacreditável, consegue-se fazer, mas não é com a mesma profundidade ou com as questões; mesmo a nível da imagem total da mancha, não é da mancha gráfica da página, que é mais reproduzida num word do que num smartphone. Mas isto a nível de condições ideais, obviamente, provavelmente nos próximos anos haverá, não é? De forma que não tivesse, e na minha perspetiva, as ferramentas, as chamadas ferramentas devem estar ao serviço de uma forma frequente e normal, ou seja, não ter que se pensar assim, bem, para a semana os alunos vão ter que fazer um texto, então vou pedir ao professor de TIC para trocar de sala de aula, isto já é muito artificial, não é? O ideal seria que as oficinas, as aulas / oficinas trabalhassem com as ferramentas, com os instrumentos de acordo, eles estão lá e vão ser usados à medida que são necessários ou que vão sendo necessários.

O ideal seria que houvesse na escola computadores, efetivamente computadores, não só smartphones; os smartphones, como há bocado a Entrevistado 1 disse, são dos alunos, não são das escolas, no entanto, nós estamos aqui a viver à custa do smartphone individual do aluno, não é? São as famílias que compram.

Entrevistado 1:

Claro, mas, Entrevistado 2, também estão a viver à custa dos nossos, enfim, é isso também é o nosso contributo de cidadania para um país. O país não é só os nossos impostos, também, é com a nossa ???.

Entrevistado 2:

Sim, sim, exato.

Entrevistado 1:

O ano passado era quando as condições estavam ideais, porque estavam as duas salas de informática com aulas, muito bem apetrechadas, havia a sala ESAG XXI, havia outra sala ESAG XXI -2, que este ano teve de ser desfeita. Eu queria marcar sessões nas salas ESAG XXI, nunca conseguia, fui lá uma vez, não há problema, porque o que eu faço na sala ESAG-XXI, faço na minha sala de aula normal, mas até mais pelos miúdos porque eles gostam muito de entrar lá e gostam muito daquelas cores.

Pronto, eles dizem que as salas deveriam ter todas cor. Mas este ano é que estamos pior porque não há, mas havia muitos colegas para requisitar, estava dito que ainda tínhamos alguns tablets e, às vezes, nem isso conseguia, porque estava tudo requisitado, portanto, há muita gente já a usar. Isto quer dizer que, se a direção e o Francisco sabem se há muita gente a usar, é melhor criar mais salas. Aliás, eu acho que estava no plano haver criação de mais salas, se bem me lembro de umas conversas de há uns tempos. Assim e devagar se vai construindo a modernidade.

Entrevistado 2:

Claro

Entrevistado 3:

Eu queria dizer o seguinte: é que, pronto, aqui nós não falamos na questão do manual digital vs manual em papel. Estamos aqui numa transição digital. A Entrevistado 1 já falou que, independentemente de passar a ser digital, depois o papel continua, foi o que eu percebi.

Entrevistado 1:

Sim, sim, sim.

Entrevistado 3:

Mas curiosamente, é uma coisa que é muito discutida aqui em casa, porque, pronto, eles gostam do tablet e é uma coisa muito familiar, não é? No outro dia fui fazer uma substituição a um sétimo ano e achei curioso porque a colega de matemática tinha deixado tarefas no *teams* e todos eles, portanto, estavam com o que fazer. Portanto, foi muito simples, chegar ali dizer, “Ok, vamos lá, então, ponham aí os vossos telefones ponham aí as fichinhas e vamos abrir aí o caderno e escrever”, portanto, tive que fazer um circuito para os pôr a trabalhar, e achei muito curioso como os alunos estavam, não com o telemóvel, mas com um tablet, com o seu tablet, e eu achei espetacular porque achei que o tamanho daquele ecrã é, em relação ao telemóvel, muito mais amigável para vir para dentro da sala de aula, porque achei que, com o tablet, a visão é muito mais linear e muito mais... eles fisicamente não ficam tão atrofiados. Pronto, achei mesmo interessante ele ter o tablet e não estar... Havia uma grande diferença daquele aluno para com os outros em termos de postura física e não sei se mental ou não, mas acho que a posição influencia bastante. Pronto, era isso que eu queria dizer.

Ah, e depois outra coisa que também aconteceu numa outra substituição com o sétimo ano: foi, portanto, eles terem tarefas para fazer, sim senhor, eu pu-los a trabalhar e depois

fui eu para a minha secretária, com o meu *laptop* trabalhar. A dada altura faço a ronda e detetei que alguém estava no whatsapp e vi-me a mim própria lá no whatsapp, portanto, tiraram-me uma fotografia a trabalhar no meu *laptop* e “mas então, qual é o mal professora?” Qual é o mal? Bem? Então, aquela aula de substituição passou a ser uma aula sobre a propriedade de imagem, a geração deles estar tão afastada do que é o direito à imagem de terceiros, não é? Portanto, foi uma coisa muito... e apanhou-me mesmo de surpresa, não é? Como é possível, eh pá? E nem sequer estava gira, com máscara, com os óculos, muito desfavoráveis, também não se via nada de jeito. Ele não sabia fotografar... Portanto, falei -lhes de, sei lá, “Mesmo que vocês estejam na rua e vejam um artista de rua, vocês não têm o direito de lhe tirar uma fotografia por muito fotogénico e apelativo que ele esteja ali, tendes de lhe perguntar”. E, portanto, isto foi, eles ficaram a olhar assim para mim com um ar muito incrédulo e depois dei exemplos, “Imagina que era o teu pai e, de repente, tudo ias com o teu pai que estava a trabalhar no seu local de trabalho e alguém achava interessante e tirava-lhe uma fotografia e assim - o que ias achar?”. Foi assim. O tablet realmente parece mais honesto em termos de estar na sala aula.

Entrevistado 1:

Isso é uma boa sugestão para melhorar as infraestruturas da nossa escola, não é, Francisco? As infraestruturas, incluindo equipamento e internet.

Moderador:

Sim, sim, Pode-se necessitar de mais infraestrutura, mais tablets.

Mas a grande dúvida, fica em relação à qualidade-preço entre o smartphone, que está disponível, e os tablets que se estão utilizar e aquilo que a Entrevistado 4 também já disse: eles preferem os smartphones, sei lá, as redes sociais, etc, e outras coisas que não serão propriamente as mais adequadas para a sala de aula, isto era outra pergunta que tinha...

Entrevistado 6:

Exatamente. No meu caso, vou-te já dizer: isto de requisitar os tablets, porque amanhã vou precisar, e vou buscar os tablets e pego neles todos às costas, eh, pá, não, esquece, esquece, esquece, esquece essa tarefa.

Moderador:

Vai ser mais difícil termos 30 tablets em cada sala de aula disponíveis para as pessoas utilizarem.

Entrevistado 6:

Pronto, eu, por aí, não.

Entrevistado 1:

Eu ando com uns às costas quando há falta.

Moderador:

Depois podem utilizar os computadores que eles vão trazer.

Entrevistado 6:

Mas as pessoas não são todas iguais, credo? E lá está, para isso, vou-te já dizer, eu, para isso, não me apetece ir buscar, mudo logo e faço outra coisa na aula, esquece.

Entrevistado 3:

Não é muito amigável, não, não é.

Entrevistado 6:

Eu, não. Lamento.

Moderador:

Já ao encontro das 2 perguntas seguintes, que a primeira era se encontram facilmente ajuda para superar eventuais problemas. Esse é um deles, não é? Quem é que ajuda a levar, por exemplo, os tablets? Ou quem é que me ajuda a utilizar a tecnologia? Quer dizer, quando eu chego lá e não funciona, como é que vocês conseguem ajuda?

Entrevistado 4:

Isso é fácil.

Entrevistado 6:

Chama-se o Francisco.

Entrevistado 2:

A pergunta, Francisco é na nossa escola? A pergunta tem a ver com a nossa realidade neste momento?

Moderador:

Sim, se encontra facilmente ajuda para superar eventuais problemas e sim independência.

Parece que vocês encontram entre vocês, penso eu.

Entrevistado 2:

Sim, eu sei, eu gostava de partilhar convosco.

De uma forma geral, eu acho que há uma resposta absolutamente incrível, então para mim que trabalho, que já trabalhei em várias outras escolas é como da água para o vinho, ok, Mas deixem-me só contar-vos uma situação que me aconteceu. Julgo que estávamos em outubro e eu ia fazer uma atividade normal, ia projetar uma aula normal, era um vídeo do youtube sobre o autor de alguma coisa; assim, estava eu, e o projetor não dava. Pronto, eu não fazia a menor ideia o que era, digamos, desligar, ligar, não conseguia, eu disse, “Olha, não faz mal, avançamos!” e de imediato mandei um e-mail, segundo as orientações

que nos tinham dado no início do ano, um e-mail para o Fernando, com o conhecimento do Francisco. Era assim a orientação do início do ano, mas vocês não estão a ver passado 10 minutos, em 10 minutos entra-me o Fernando dentro da sala de aula para resolver o problema. Eu disse, não, isto não dá para acreditar. Eu enviei o e-mail dentro do tempo da aula, logo de imediato, para não me esquecer, não é, “Vamos avançar então”, e passado 10 minutos, eu tinha um Fernando na sala de aula a resolver. Ele resolveu aquilo facilmente, até era mais uma aselhive minha lá no projetor, mesmo no projetor, e ele disse “Entrevistado 2, está tudo bem, não te preocupes”, eu fiz uma vénia gigantesca para agradecer, porque não, não existe, quer dizer, aí é uma história singular, mas de uma forma geral, quando os problemas existem, comunicamos os problemas e eles são resolvidos. Isto não é comum acontecer nas escolas que eu conheço, é algo muito surpreendente e muito positivo na ESAG

Entrevistado 3:

Isto é muito estimulante, não é? Não, frustra o professo, não é? No fundo, nós precisamos de sentir-nos acompanhados para ultrapassar estas barreiras que nós todos sentimos, até porque há sempre olhares de lado de pares e de pais, etc., e para a nossa moral é muito importante, sim, senhor.

Entrevistado 6:

Isso é.

Moderador:

Sentem necessidade da formação especializada? Vamos focarmos no smartphone e na necessidade de formação mais especializada para poderem utilizá-lo em sala de aula ou acham que o smartphone é uma ferramenta que, de um modo geral, conseguimos facilmente sem muita formação utilizar em sala de aula?

Entrevistado 6:

Não, é necessária formação, e principalmente os miúdos, eu, por exemplo, este ano com o *Teams* começámos a usar o Bloco de Notas, foi difícil, e não é fácil pôr os meninos a usarem o telemóvel no Bloco de Notas e o telemóvel no Bloco de Notas é espetacular porque, lá está, permite, por exemplo, Entrevistado 5, fazer, escrever com o dedo as fórmulas matemáticas ou pôr ao quadrado, ou pôr o integral, ou pôr o diferencial ou pôr ao cubo raiz quadrada. Dá para escrever com a mão! Como se fosse um tablet, percebes? É com caneta, como se fosse aqueles tablets com caneta, com aquele programa especial, o Bloco de Notas dá para fazer isso no telemóvel e ensinar isto aos miúdos é complicado. Primeiro, para eu aprender foi difícil, o Francisco que diga, que eu cheguei

lá várias vezes para pedir ajuda, e ensinar isto aos miúdos não é fácil. E, portanto, nós precisávamos tipo de uma semana, sei lá, eu não sei, mas quase um mês de aulas para explicar aos miúdos como eles podem fazer isto, e para nós, sei lá, não sei, depende obviamente do ritmo de aprendizagem de cada um, mas eu precisava de um mês e sem estar a fazer mais nada com alguém a explicar-me isto, assim, devagar com calma e...

Entrevistado 1:

A curva de aprendizagem é longa, é.

Entrevistado 6:

É, não é muito intuitivo ou melhor, eu não sei se é ou se não é, eu sei é que não é fácil e não foi fácil ensinar aos miúdos, de tal maneira que eu desisti de ensinar aos do nono.

Entrevistado 1:

Esquece, aprende-se num instante.

Entrevistado 3:

E deixa-me cá dizer outra coisa é que tu tens a perspetiva de que para o ano continuas com o teams na tua escola, a ESAG, e por aí fora e eu que tenho a perspetiva de mudar de escola, não é? Eu e o Bloco de Notas eu bem que pus as aplicações nas minhas turmas todas mas eu não consigo agora estar a dedicar-me a isso e, portanto, não vou usar.

Entrevistado 6:

Pois ...

Entrevistado 4:

Mas estamos a falar do Bloco de Notas? Sem dúvida. Eu também tenho tido muita dificuldade, não é? Com o OneNote também tenho dificuldades, mas se pensarmos em todas as outras aplicações que nós utilizamos, com o telemóvel, eu acho que já não se põe com muitas delas, não se põe essa dificuldade porque os miúdos trabalham lindamente. Eu até lhes digo como é e depois eles afinal já descobriram coisas novas e eu já tenho que pôr os óculos que é para ver porque afinal, nem conhecia aquilo, é verdade. Pois eu estou falar com aquela coisa pequenina, e eu não consigo ver direito. Acho que com muitas das outras que nós utilizemos, não me parece que seja complicado, porque eles fazem isso quase automaticamente e descobrindo até por vezes funcionalidades novas

Entrevistado 1:

Entrevistado 4, estás a falar do OneNote?

Entrevistado 4:

Não, eu disse, com o OneNote sim, com outras, muitas outras aplicações que nós utilizamos essa questão não se põe. Não, outras, eu trabalho no *Canva* e às tantas, apesar de já lá ter feito milhentas coisas, lá eles ainda me ensinam algumas coisas de certeza absoluta, não é? Claro que outras eu achei o OneNote, não tinha realmente que aprender.

Entrevistado 1:

O OneNote dizem que é muito intuitivo e substitui os cadernos diários em papel que nós fazemos. Os miúdos fazem lá o caderno diário digital todo, portanto, quando vierem os manuais digitais, se calhar, é mesmo de apostar, quem usa o Teams, no OneNote. E depois dá para fazer lá os testes, não é? Mete-se lá o teste em Word editável, cada um faz o teste no seu e nós depois corrigimos um a um ali.

Entrevistado 3:

Exatamente.

Entrevistado 1:

Eu penso que o Bloco de Notas escolares já dá para fazer isso e eu vou tentar agora fazer uma ficha, vou dar uma ficha aos alunos como trabalho ou tarefa que aquilo está sempre a mudar o nome, aquilo fica editável como aquele ficheiro Excel que nós temos, só que é editado pelo aluno. Cada um faz o teste no seu, depois submetem e eu corrijo. Se tiver caneta, corrijo no tablet ou telemóvel logo ali como se fosse manual, se não, corrijo no computador logo ali com teclado, e daí, pronto, fica entregue, o aluno recebe aquilo logo corrigido e penso que o blocos de notas escolares que está incluído no Teams já permite isso, mas o OneNote permite, de certeza que sim.

Moderador:

É a mesma coisa, a mesma coisa.

É igual.

Entrevistado 1:

Pronto, é experimentar.

Moderador:

O Bloco de notas escolares estar fora do teams ou dentro do teams é a mesma ferramenta, é exatamente assim.

Entrevistado 1:

É, um é mais completo, eu vou experimentar esta semana.

Moderador:

Só como foi desenhado na perspectiva do Microsoft Surface com aquela canetinha.

E, portanto, se todos os alunos em vez de receberem o computador que vão receber do Ministério recebessem um Surface seria muito interessante. Porque quando estamos com um aluno, o aluno está no caderno dele e, portanto, é o caderno dele com a folha dele, podia no momento aparecer-lhe uma pergunta que nós distribuímos para todos e ele responder exatamente como escreve no caderno dele ou escreve numa folha de teste com a vantagem de que aquilo grava tudo. Portanto, mesmo que o aluno grava e se a seguir apaga, voltar a fazer. Nós vamos ver o histórico e sabemos quando é que foi escrito e acabou.

Entrevistado 6:

Apaga.

Entrevistado 1:

Tu usas Francisco?

Moderador:

Sim, o com 12º.

Entrevistado 4:

Sim, o Francisco usa.

Moderador:

Eu uso porque acho prático para aquilo que eu faço. E mais prática é aquela filosofia que eu vos mostrei de que, a qualquer momento, com um smartphone, coisa que não faz um computador, é clicar, gravar, explico, qualquer coisa fica logo lá a minha voz, faço um comentário, faço um traço, chamo a atenção, altero tiro uma fotografia, coloco um vídeo e de forma fácil.

Entrevistado 1:

Mas no Teams, também já dá para fazer isso que eu estive a experimentar esta semana, comentei com a minha mesa [digitalizadora].

Moderador:

É a mesma coisa, depois nós podemos entrar, por exemplo, o facto de eu ter o OneNote no Teams, não quer dizer que eu não entro só no OneNote sem entrar no Teams, é exactamente o mesmo caderno.

Entrevistado 1:

Foi isso que eu fiz.

Moderador:

Até porque no smartphone és obrigado a ter o Teams instalado e o OneNote e o Teams porque ele não mostra o OneNote dentro do Teams, fica pesado.

Entrevistado 1:

Experimentei com mesa digitalizadora, experimentei com caneta, ficou tudo bem, pus lá uma ficha Word, ficou fixe, que é para mostrar na formação. E vou fazer agora com os alunos assim para ganhar algum treino para depois ir para o OneNote completo.

Entrevistado 2:

Francisco, respondendo à tua pergunta, perguntaste abertamente se seria necessário formação? Penso que sobre o smartphone, não é.

Moderador:

Sim, especializada, se sentem necessidades de formação especializada para a profissão.

Entrevistado 2:

Sim, ok. Embora também me apareça um bocadinho intuitivo, mas talvez também seja uma perspetiva ingénua, porque provavelmente haverá possibilidades mais especializadas e não conhecemos. Eu acho sempre que quando nós ouvimos a palavra formação, ação de formação, tem esse aspeto “é um mundo”, ok, mas há uma outra alternativa que eu acho que poderá ser muito viável, que é o que estamos a fazer aqui: é uma tertúlia com 6 pessoas, não é, as tertúlias, ou seja, não, não tem aquele formalismo, não é - da formação da ação com aqueles objetivos, com aquelas questões até de trabalhos, etc. e que traz vantagens, por exemplo, o facto de estar aqui com vocês, eu já aponte aqui uma série de coisas, eu evolui. Esta questão de tertúlia é sempre interessante, há coisas que nem sequer sabia que não sabia, mas quer dizer em espaços mais ou menos informais, seria importante.

Entrevistado 3:

Lembras-te nos exames, Entrevistado 2, lembras-te que houve uma sala de suplentes que se formou na sala de professores, lembras?

Entrevistado 2:

Ah, sim, fizemos uma tertúlia.

Entrevistado 3:

Sim, fizemos lá uma tertúlia espetacular.

Entrevistado 2:

Gigantesca e que, às vezes, parte-se pedra, evolui-se de uma forma muito mais significativa porque se está num outro tipo, com outro espírito, não se está ali numa lógica de aluno formador, formando, não é? Estamos num coletividade de troca de ideias, de partilha, de interesses ou de dicas, e poderia ser um caminho, é criar uma tertúlia, uma vez por mês.

Entrevistado 3:

Task forces mensais.

Moderador:

Essa é a minha ideia de quando criei a EDUAPP e, portanto, indo já para a última pergunta ou um breve comentário. Portanto, quando criei uma app que identifica e avalia e partilha apps educativas, a ideia era criar um espaço onde as pessoas encontrassem aquilo que outras estão a utilizar num determinado momento, num determinado contexto de sala de aula. Já sabemos que existem milhões de apps pelo mundo. Não inventei nada. O facto de recolher, catalogar e colocar num espaço meia dúzia delas não são meia dúzia, mas são umas poucas onde os professores pudessem reconhecer alguma qualidade dessas apps em termos de, cada um nas suas áreas ou não, porque há algumas que são para fazer avaliações, dá para todas as áreas disciplinares, e encontrar num determinado espaço alguma determinada qualidade e que partilhassem essencialmente exemplos de boas práticas, esse era o meu objetivo. Se tem alguma importância, não é se vocês reconhecem alguma importância nesse tipo de estrutura e associar lá, por exemplo, um fórum mensal, uma forma de reunirmos quem quisesse para saber o que é que utilizo, o que é que não utiliza, como é que faz. Como é que não faz, é?

Entrevistado 2:

Mas eu acho que sim.

Moderador:

Gostaria de saber?

Entrevistado 1:

Isso pode ser um projeto muito interessante. Isso pode ser um projeto, aliás.

Entrevistado 4:

Acho que é muito interessante.

Entrevistado 1:

E as pessoas depois são responsáveis pelo projeto e depois a comunidade educativa associa-se, pode ser um projeto da escola. Olha isso até pode ser metido no Plano de Transição Digital que a escola agora tem que fazer.

Entrevistado 4:

Sim, sim, acho muito interessante e muito importante e já lá tenho que procurar algumas coisas.

Entrevistado 1:

Isso é bom, Francisco.

Moderador:

Até porque a app é uma semente lançada. Já sei que à app vocês não vão lá todos os dias verificar o que é que há de novo e o que é que não há.

Entrevistado 4:

Mas já tenho ido procurar.

Moderador:

Por exemplo, preparar uma aula, se calhar, se eu pesquisar “colaborar” escrevo “colaborar”, ora para pesquisar sobre essa temática, escrevo pelas tags. Não sei se está bem feito ou está mal feito, se é fácil para vocês, se não é fácil para vocês, a ideia é ter um espaço onde existe qualquer coisa, mas depois o que eu posso tirar, mais daí podemos evoluir, podemos criar uma série de coisas associadas a isso de forma a dinamizarmos a partilha de boas práticas, que é aquilo que eu defendo essencialmente.

Porque eu acho que para que nós possamos enriquecer a nossa didática, temos que pensar mais na didática de sala de aula, saber como pegar numa app e, introduzi-la. Saber qual é a importância disso. Que é que vocês acham?

Entrevistado 1:

A tua *app* é uma ferramenta de curadoria.

Portanto, é excelente.

Entrevistado 4:

Eu já tenho utilizado até para às vezes colegas amigas que são de outras áreas e eu falo em apps que eu uso muito, mas para elas não dá muito e eu às vezes vou procurar à EDUAPP para ver se lá encontro alguma coisa para elas porque é mais fácil efetivamente; são colegas que não são tão ligadas às tecnologias, se calhar.

E tenho ido procurar e tenho encontrado soluções interessantes e também que eu não utilizava muito e que descobri, entretanto, que afinal são usadas em outras áreas por outros colegas da escola, mas que eu também possa utilizar, porque acho que realmente vale a pena.

A ideia da discussão do debate, a mim, parece-me extremamente interessante.

Acho que realmente seria uma forma muito boa de crescermos, que podemos aprender uns com os outros.

Entrevistado 2:

Sim, nesse debate que podia ser mensal ou de 2 em 2 meses. Poderia, por exemplo o organizador convidar 2 ou 3 professores de forma a arrancar, se calhar, com a tertúlia, partilhar aplicações que tenho usado e o que é que tem sentido como positivo, negativo,

é porque, às vezes, não são só as boas práticas, são práticas de uma forma geral, não é porque às vezes também é importante percebermos o que não correu bem daquela forma.

Entrevistado 4:

Sim, sim.

Entrevistado 3:

De uma forma mais transdisciplinar, no fundo.

Entrevistado 2:

Sim, sim. Exato.

Entrevistado 3:

Tinha falado sobre isso com a Entrevistado 1 esta semana, desabafado. Porque parece que os meus desejos todos se tornaram realidade sobre a formação do MAIA e eu, ok, não costumo aderir a este tipo de formações, vou-me inscrever, encontro lá a Entrevistado 1. Entretanto, Francisco, convoca esta tertúlia e cá estamos nós, portanto, isto...

Diz lá, isto é?

Entrevistado 1:

São as forças do Universo que, quando se juntam, é só para ajudar. Olha que nível é que obtiveste no check-in?

Entrevistado 3:

O.

Entrevistado 1:

Podes dizer que eu vou saber tudo, portanto.

Entrevistado 3:

Olha, eu até fiz 2 vezes que era para não dar tão alto.

Entrevistado 1:

Estás no 3.

Entrevistado 3:

No C

Entrevistado 1:

Não, nível N1 N2 N3.

Sim e um não é N?

Entrevistado 4:

É nível 3.

Entrevistado 3:

É 3, é.

Entrevistado 1:

Também estás no 3, Entrevistado 4?

Entrevistado 4:

Apesar de eu ter também feito como a Entrevistado 3 e ter feito o teste mais que uma vez para não dar tão alto, sim, porque afinal, o C1 também em nível 3, C1 ou C2 ou qual é o mais baixo é o C1, porque também é como nas línguas é assim, o que é nível 3 é, mas não nível 2.

Entrevistado 1:

E tu, Entrevistado 5?

Entrevistado 5:

2, disse nível 2

Entrevistado 1:

E a Entrevistado 6 é 3, não é?

Lembrei-me agora disso, porque agora eu tenho que escolher as ações dos docentes para dar.

Entrevistado 6:

Sim

Eu tenho a oportunidade de fazer outra vez e vou tentar ficar no nível 2

Entrevistado 4:

Eu também tentei.

Mas já sabes não pode ser C

Entrevistado 6:

Pois, eu vou fazer outra vez, houve ali uma confusão com o meu. Eu entrei com o código errado.

Entrevistado 6:

Vou fazer outra vez e vou ver se fico.

Entrevistado 3:

Eu tinha medo que me chamassem para dar formação,

Entrevistado 6:

Que é isto?

Entrevistado 3:

Eu tinha medo que nos chamassem para dar formação.

Entrevistado 4:

Mas a partir do momento, Entrevistado 6, em que tu ponhas os alunos a usar, a trabalhar e a produzir e a serem mais, aumenta logo, ficas no 3

Entrevistado 6:

Eu já percebi, eu percebi.

Mas, pronto.

Moderador:

Não sei se há mais alguma coisa que queiram acrescentar.

Em relação à utilização do smartphone em sala de aula.

Entrevistado 1:

Isto era para ser meia hora, não era? Já lá vão umas horas.

Moderador:

Era mais ou menos

Mas acabaram de enriquecer a minha tese. Só nesta transcrição, vou ter páginas e páginas.

Ela estava meia vazia.

Entrevistado 4:

Olhe se quiseres ajuda...

Entrevistado 2:

Tu nem sabes onde é que te meteste 2 horas de análise de conteúdo.

Moderador:

Eu tenho esperança de encontrar um software, que me vai ajudar a fazer isto tudo, mas vamos ver.

Entrevistado 1:

Se precisares de ajuda.

Entrevistado 2:

O problema de transcrição até não é o maior, o grande problema depois é a análise de conteúdo disto, 2 horas de análise de conteúdo. Vá, boa sorte.

Entrevistado 1:

Vais usar o Nvivo?

Para análise de conteúdo?

Moderador:

Não.

Entrevistado 1:

Isto é rápido, faz-se num instante, categoria de análise, faz-se num instante

Moderador:

Não tenho palavras para vos agradecer, já me ajudaram muito. Têm-me ajudado muito ao longo deste ano.

Entrevistado 2:

Foi um gosto.

Moderador:

Espero ter contribuído para melhorar alguma aula de vocês e isso é que é importante, contribuir para ajudar, nem que seja só para um aluno, já é interessante.

Vou fazer-vos chegar o artigo que sair aqui desta conversa.

Está bem?

Estou a fazer a minha tese por artigos, portanto, vai ser um artigo, de certeza.

Mas, antes envio-vos para ver se concordam ou não, mas depois, eu faço-vos chegar.

Entrevistado 3:

Não tens que agradecer.

Entrevistado 6:

Nada, não foi nada, foi um prazer.

Moderador:

É sempre um gosto descobrir o que é que cada um está a fazer, porque mesmo naquele forms que eu partilhei para me sugerirem algumas apps, havia algumas que eu não conheço, muito menos as que vocês utilizam em áreas mais específicas, há coisas muito interessantes mesmo o projeto da Entrevistado 5, fui lá ler. Aquela é muito interessante para fazer fichas de trabalho.

E, pronto, é sempre um gosto estar com vocês, agradeço-vos muito.